



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
MAYARA GONÇALVES DE PAULO

**IDENTIDADES ENTREMEADAS: ANÁLISE DE NAÇÃO CRIOLA - A
CORRESPONDÊNCIA SECRETA DE FRADIQUE MENDES, DE JOSÉ EDUARDO
AGUALUSA, COM BASE NA LITERATURA COMPARADA**

Tubarão
2016

MAYARA GONÇALVES DE PAULO

**IDENTIDADES ENTREMeadAS: ANÁLISE DE NAÇÃO CRIOLA - A
CORRESPONDÊNCIA SECRETA DE FRADIQUE MENDES, DE JOSÉ EDUARDO
AGUALUSA, COM BASE NA LITERATURA COMPARADA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Orientador: Prof^a. Dra. Jussara Bittencourt de Sá.

Tubarão

2016

P35 Paulo, Mayara Gonçalves de, 1992-
Identidades entremeadas : análise de *Nação crioula – a correspondência secreta de Fradique Mendes*, de José Eduardo Agualusa, com base na literatura comparada / Mayara Gonçalves de Paulo; -- 2016.
94 f. ; 30 cm

Orientadora : Jussara Bittencourt de Sá.
Dissertação (mestrado)–Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2016.
Inclui bibliografias.

1. Linguagem. 2. Identidade. 3. Cultura. 4. Literatura.
5. Nação. I. Sá, Jussara Bittencourt de. II. Universidade do Sul de Santa Catarina – Mestrado em Ciências da Linguagem. III. Título.

CDD (21. ed.) 401.4

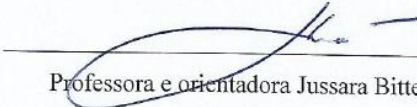
Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária da Unisul

MAYARA GONÇALVES DE PAULO

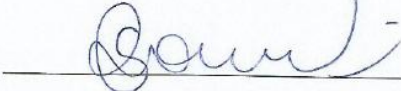
**IDENTIDADES ENTREMeadAS: ANÁLISE DE NAÇÃO CRIOLA – A
CORRESPONDÊNCIA SECRETA DE FRADIQUE MENDES, DE JOSÉ EDUARDO
AGUALUSA, COM BASE NA LITERATURA COMPARADA**

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

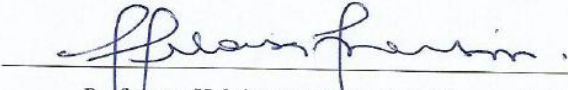
Tubarão, 21 de julho de 2016.



Professora e orientadora Jussara Bittencourt de Sá, Doutora
Universidade do Sul de Santa Catarina



Professora Cláudia Nandi Formentin, Doutora
Faculdade SATC



Professora Heloisa Juncklaus Preis Moraes, Doutora
Universidade do Sul de Santa Catarina

Com muito carinho, dedico este trabalho à
minha mãe, Emília, e aos meus irmãos, Diego
e Douglas, por todo o amor, apoio e incentivo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida, por tudo que me proporciona a cada dia, pela vontade de querer aprender cada vez mais e por não me deixar desanimar nos momentos mais difíceis de minha vida.

À minha querida orientadora, Prof^a. Dra. Jussara Bittencourt de Sá, por todo carinho, atenção, amizade e paciência. Agradeço pelas conversas, conselhos e sugestões que foram de extrema importância para o meu crescimento e para o desenvolvimento desta pesquisa e, principalmente por me deixar ainda mais apaixonada pela Literatura Africana.

Às professoras, Dra. Heloísa Moraes e Dra. Cláudia Formentin, pelo carinho e atenção ao receberem minha pesquisa e especialmente pelas sugestões e indicações para o amadurecimento deste trabalho. Agradeço também a professora, Dra. Maria Isabel, que muito contribuiu na Qualificação do projeto de Dissertação. E aos demais professores que ajudaram no meu crescimento acadêmico.

Ao Prof. Dr. Fábio Rauen, coordenador do PPGCL, e às secretárias, Patrícia Amorim e Elaine Corrêa, por toda atenção, disposição, carinho e paciência.

À CAPES, que me permitiu, através da bolsa de estudos, desenvolver e tornar realidade este trabalho.

À minha amada mãe, Emília, a quem sou eternamente grata, porque nunca poupou esforços para que eu pudesse alcançar meus objetivos, sempre me apoiando e aconselhando nos momentos bons e ruins. Muito obrigada por me incentivar e me ajudar a transformar meus sonhos em realidade.

Aos meus irmãos, Diego e Douglas, que sempre me deram injeções de ânimo para continuar e me proporcionaram momentos descontraídos em meio às dificuldades. Agradeço pela atenção, amor e carinho dedicados.

Agradeço aos demais familiares e aos amigos que de maneira direta ou indireta torceram e torcem por mim, incentivando e acreditando que sou capaz de alcançar e superar meus objetivos e desafios.

Muitíssimo obrigada a todos. A realização desta pesquisa só foi possível porque pude contar com o apoio de todos vocês.

“Senhor, a noite veio e a alma é vil / Tanta foi a tormenta e a vontade / Restamos hoje, no silêncio hostil, / O mar universal e a saudade”. (Fernando Pessoa).

RESUMO

Nossa pesquisa decorre de reflexões empreendidas junto ao Grupo de Estudo Identidade, Migrações e Representações, vinculado à linha de pesquisa Linguagem e Cultura do Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina - Unisul. Em nosso estudo propomos analisar a obra *Nação Crioula – a correspondência secreta de Fradique Mendes*, do escritor angolano José Eduardo Agualusa, por meio da Literatura Comparada, evidenciando-a como promotora de reflexão e sobre a cultura, os tempos, os espaços, dentre outros, bem como os diálogos de que dela ensinam e se ensinam. Na análise, observamos que Agualusa, ao (re)visitar o passado, aponta-nos os acontecimentos que marcaram a época do colonialismo português em Angola e o período de escravidão no Brasil. Quanto aos aspectos referentes à linguagem em *Nação Crioula*, apresentamos pressupostos sobre o dialogismo, a intertextualidade e a polifonia, a partir da perspectiva de Bakhtin, observando como se apresenta a relação com outros textos para a produção de um novo, bem como as diferentes vozes sociais. O que provocou nossa atenção durante a leitura da obra referida foram as reflexões que envolviam as manifestações culturais marcadas pelos diálogos, pelas migrações temporais e espaciais, bem como as interações de identidades. Em sua composição, o romance é narrado por epístolas, nas quais Agualusa coloca em cena a personagem – Carlos Fradique Mendes – para contar as experiências e os conflitos das épocas coloniais de Angola e Brasil, respectivamente. Evidenciamos que o romance pode ser apreendido como uma obra epistolar, desenhando-se por meio do diálogo entre literatura, história, cultura e identidade.

Palavras-chave: Linguagem. Identidade. Cultura. Nação.

ABSTRACT

Our research derives from reflections undertaken in the Study Group Identity, Migration and Representations that is linked to the research line Language and Culture in the Graduate Program in Sciences of Language at Unisul. In our study we propose to analyze *Nação Crioula – the secret correspondence of de Fradique Mendes*, of the Angolan writer José Eduardo Agualusa, through Comparative Literature, we can evidence it as a source of reflection about culture, times, spaces, among others, as well as the dialogues that are evoked. In the analysis, we observed that Agualusa, by (re)visiting the past, shows us the events that marked the period of Portuguese colonialism in Angola and the period of slavery in Brazil. As for the aspects related to language in *Nação Crioula*, we bring reflections about dialogism, intertextuality and polyphony, from the perspective of Bakhtin, in order to observe the relations to others texts in the production of a new one and the emergence of different social voices. What called our attention during the reading the of book were the reflections involving cultural events marked by dialogue, the temporal and spatial migration, as well as the identities of interactions. In its composition, the novel is narrated by letters in which Agualusa puts into play the character – Carlos Fradique Mendes – to tell the experience and conflicts of the colonial times of Angola and Brazil, respectively. We showed that *Nação Crioula* can be understood as an epistolary novel that was designed through dialogue among literature, history, culture and identity.

Keywords: Language. Identity. Culture. Nation.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	REVISÃO TEÓRICA	14
2.1	BAKHTIN E A LINGUAGEM: CONSIDERAÇÕES SOBRE O DIALOGISMO, A INTERTEXTUALIDADE E A POLIFONIA.	14
2.1.1	Literatura – estabelecendo conceitos.....	17
2.1.1.1	Literatura comparada.....	20
3	LINGUAGEM LITERÁRIA: ESTRUTURA DA NARRATIVA.....	24
3.1	ESTUTURA DA NARRATIVA	25
3.1.1	Enredo	26
3.1.2	Espaço.....	27
3.1.3	Tempo.....	28
3.1.4	Personagem.....	29
3.1.5	Narrador	31
4	A QUESTÃO DA IDENTIDADE.....	33
4.1	CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE NAÇÃO.....	36
4.2	BREVE HISTÓRICO DE ANGOLA.....	40
4.2.1	Agualusa e Nação Crioula	43
5	PERCURSO METODOLÓGICO.....	45
6	ENTREMEIOS EM NAÇÃO CRIOULA	48
7	CONCLUSÃO.....	78
	REFERÊNCIAS	81
	ANEXOS	84
	ANEXO A – CANÇÃO DO EXÍLIO (GONÇALVES DIAS)	85
	ANEXO B – CAPA DA OBRA NAÇÃO CRIOULA	856
	ANEXO C – CURRÍCULO	867

1 INTRODUÇÃO

As reflexões que permeiam este trabalho originaram-se dos estudos efetuados no Grupo de Estudos *Identidades, Migrações e Representações*, vinculado à linha de pesquisa Linguagem e Cultura do Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina - Unisul.

No decorrer dos estudos, ao adentrarmos nossas discussões sobre temáticas desenvolvidas no referido Grupo de Estudos e na disciplina *Identidades e Migrações*, especificamente, as manifestações culturais no romance *Nação Crioula – a correspondência secreta de Fradique Mendes*, do escritor angolano José Eduardo Agualusa, provocou nossa atenção, especialmente pelos diálogos, pelas migrações temporais e espaciais, bem como as interações de identidades.

Em sua composição, o romance é narrado por epístolas, nas quais Agualusa coloca em cena a personagem, Carlos Fradique Mendes, para contar as experiências e os conflitos das épocas coloniais de Angola e Brasil, respectivamente.

A personagem Carlos Fradique Mendes foi criada no ano de 1869 por um grupo de intelectuais denominado *O Cenáculo*, que pertencia a Antero de Quental, Eça de Queiroz e Batalha Reis. Com a intenção de brincar/desdenhar com a sociedade burguesa, o grupo inventou um poeta sarcástico, com conhecimentos literários, dando a ele uma biografia, como se fosse uma pessoa e não uma personagem. Desta maneira, Fradique Mendes ganhou vida própria e adquiriu independência, transfigurando-se em um autor de diversas cartas, que Queiroz publicou em 1888 no jornal *Repórter*.

Em *Nação Crioula*, as epístolas assinadas por Fradique Mendes são enviadas a diferentes destinatários – Madame de Jouarre, Ana Olímpia e Eça de Queiroz, de diversos lugares por onde o viajante circulou – Portugal, Angola e Brasil. É por meio dessas correspondências que podemos conhecer os fatos que se passaram com a personagem-narrador, assim como o encontro com a ex-escrava angolana Ana Olímpia, com quem Fradique Mendes teve um relacionamento, e com todas as outras personagens com as quais ele teve contato em suas viagens e aventuras narradas na correspondência secreta.

Fradique Mendes, em *Nação Crioula*, é uma personagem que busca conhecer e compreender novos lugares e culturas. Ele migra em terras africanas, na Angola-Luanda especificamente, e também no Brasil, para onde parte um navio negreiro que dá nome à obra. A miscigenação que se apresenta entre as culturas de Angola, Brasil e Portugal, dá origem a uma nação crioula, ou seja, uma nação de misturas.

No campo da linguagem, em especial a literária, a leitura da referida obra provoca-nos alguns questionamentos: como o autor angolano, no enredo, representa, por meio das personagens, identidades em nações colonizadas pelos portugueses? Que vozes sociais são colocadas? Como se dá a relação entre ficção e fatos históricos na obra de Agualusa?

Logo, desenhando-se por meio destes questionamentos, nossa pesquisa terá como objetivo norteador analisar a representação das identidades entremeadas pelos acontecimentos históricos e ficcionais na obra *Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes*, de José Eduardo Agualusa. Como objetivos específicos: avaliar a relação entre contexto histórico e o ficcional apresentados na obra; analisar como os lugares e/ou nações colonizadas são representados no livro; identificar as vozes sociais que são apresentadas; analisar as identidades representadas no romance.

Destacamos a relevância da pesquisa na medida em que a obra em estudo apresenta-nos singularidades pela temática e a constituição de sua narrativa, dentre outros aspectos, ensejando reflexões no âmbito das ciências da linguagem. Assim sendo, a escolha de *Nação Crioula – a correspondência secreta de Fradique Mendes*, de José Eduardo Agualusa, dá-se pelo fato de ser um romance da literatura africana de expressão portuguesa que entrecruza uma história amorosa, vinculada às aventuras e narrativas da época colonial de Angola e do Brasil. Acreditamos que, através de nosso estudo, poderemos lançar um olhar reflexivo para as artes literárias africanas, pois ainda há um número restrito de pesquisas sobre o tema. Não podemos desconsiderar que a nossa construção identitária e cultural tem relação com a África, visto que nosso país foi constituído não somente por vertentes indígenas e europeias, mas principalmente pelas africanas. Desta maneira, observamos a relevância do estudo, por meio da literatura, sobre as formas que os escritores encontraram para expressar a vida pela palavra, sobretudo a possibilidade de refletir acerca das identidades, dos contextos, enfim, da representação de nossa humanidade.

Desta maneira, a Literatura Comparada serve de base para nossa pesquisa, pois José Eduardo Agualusa, ao lançar um novo olhar para o passado, coloca em relevo a história de Angola. E assim, o leitor é convidado a conhecer ou relembrar a história desse país junto com a personagem Carlos Fradique Mendes. A Literatura Comparada tem por sua finalidade fazer a comparação de uma literatura a outras áreas do saber, evidenciando a possibilidade de se observar outras fronteiras e de conexões entre cada uma delas de modo que possam enriquecer os estudos, aperfeiçoando o conhecimento das culturas envolvidas.

Diante da escolha do objeto a ser analisado nesta pesquisa, o trabalho proposto se identificará como estudo de caso. Conforme Rauen, “por estudo de caso define-se uma análise

profunda e exaustiva de um ou de poucos objetos, de modo a permitir o seu amplo e detalhado conhecimento” (2015, p.559). A pesquisa será qualitativa, ancorada na perspectiva da literatura comparada de Tânia Franco Carvalhal (1986). A abordagem qualitativa tem como objetivo avaliar as situações que nos direcionam para os questionamentos levantados no romance. De acordo com Rauen, “numa pesquisa de caráter qualitativo, há de se considerar que há um vínculo dinâmico entre sujeitos e realidade que não se traduz em números ou estatísticas, mas a partir da interpretação e da atribuição processual e indutivamente descritiva de significados” (2015, p. 531). As pesquisas em Literatura Comparada desenvolvem-se por meio das relações entre produções textuais, autores de outras épocas e culturas distintas.

Abordamos as conexões entre literatura e sociedade apresentadas na obra *Nação Crioula*, observando o diálogo entre o que é ficcional e não ficcional. Conceitualmente, embasar-nos-emos em questões de relação entre o texto literário e o histórico. Serão apresentados pressupostos sobre o dialogismo, a intertextualidade e a polifonia, a partir da perspectiva de Bakhtin (2003), observando como se apresenta a relação com outros textos para a produção de um novo, e as diferentes vozes sociais. As reflexões sobre Literatura e Linguagem Literária tem como aportes conceitos de teóricos como Hênio Tavares, Terry Eagleton e Massaud Moisés, dentre outros.

Neste estudo também procura-se refletir sobre identidade e a nação. Para tanto, consideramos as teorias de Hall (2003), Bhabha (1998), Anderson (2008), Hobsbawm (2013), Benjamim Abdala (1989), Said (1990), Oliveira (2007), dentre outros, por retratarem aspectos que identificam a representação da identidade e nação. Entendemos as reflexões sobre concepções e definições filosóficas tanto são refletidas como refletem-se na literatura ficcional. É por meio da linguagem literária que também se constroem imagens, histórias e personagens, enquanto representação da vida e da humanidade.

Observamos que ao pensarmos as relações entre grupo e indivíduo, temos interligadas às noções de identidade e de nacionalidade, embora apresentem concepções distintas, ambas se completam. De acordo com Oliveira (2007, p.7), “o conceito de identidade pessoal se colocou, para o indivíduo, como processo de construção de sua imagem e de percepção de si como integridade”. Desta maneira, para se construir uma identidade, observa-se também a relação do indivíduo com um grupo no qual possa se sentir pertencente, isto é, é preciso representar um grupo para si e se fazer representado por ele. No entanto, para que isso aconteça, é necessário haver uma noção de nação, ou seja, “a consciência de se pertencer a uma mesma comunidade, a representação que o indivíduo faz do grupo, essa nação, e de si mesmo como parte dela” (OLIVEIRA, 2007, p. 9).

O conceito de nação está relacionado a outros como de Estado, de cidadão e de povo. A noção de nação deve ser partilhada a partir da concepção de que uma nação é organizada por um Estado nacional, que é formado por pessoas que dividem a mesma origem, história, língua e as tradições. Podemos dizer que a nacionalidade é a posição de um indivíduo que faz parte de uma determinada nação com a qual há uma identificação. Ao falarmos de nação e de nacionalidade, percebemos que estes tem em comum uma relação de identidade, pois uma pessoa, por meio de seu sentimento de pertencimento a uma comunidade, carrega consigo a sua representação de um lugar.

Desta forma, a literatura também se ocupa em construir as questões de identidade à medida que busca (re)visitar o passado apontando os acontecimentos que marcaram a época. A literatura de José Eduardo Agualusa, especificamente, preocupa-se em retratar a Angola. Assim como o Brasil, Angola foi colonizada por Portugal. Entretanto, diferentemente do nosso país, sua independência não aconteceu no século XIX, e sim no século XX, mais precisamente, em 1975, por meio de muita luta com os portugueses e conflitos internos, que resultaram em uma guerra civil.

Os procedimentos metodológicos desta pesquisa partiram dos pressupostos da macroanálise e microanálise de Massaud Moisés (1981). Neste sentido, são observados os aspectos intertextuais, como contextos, estrutura do romance e estrutura da narrativa, bem como intratextuais, como personagens, tempo, lugar, espaço, dentre outros.

Em sua composição, esta dissertação apresenta no primeiro capítulo os pressupostos teóricos que fundamentaram este trabalho, como os aspectos que envolvem a linguagem e a literatura. No segundo capítulo, são desenvolvidas algumas reflexões sobre a linguagem literária, levando em conta os aspectos da estrutura da narrativa: enredo, espaço, tempo, personagem e narrador. No terceiro capítulo, discutimos alguns posicionamentos que envolvem a questão da identidade, o conceito de nação e algumas considerações de Angola, do autor e da obra. O quarto capítulo apresenta os procedimentos metodológicos adotados nesta investigação. No quinto capítulo apresentamos a análise aprofundada do objeto de pesquisa. E por fim, no sexto capítulo, apresentamos as considerações finais deste trabalho científico.

Estudar a linguagem a partir da arte literária faz-se instigante. A arte criada pelo e para homem como forma de refletir sobre o mundo ou espelhá-lo, como meio de representar uma história, explora novas formas de olhar e interpretar coisas, objetos, cenas, etc. Assim sendo, destacamos a relevância deste estudo, na medida em que uma pesquisa científica, no

campo das ciências da linguagem, deva apontar contribuições para o conhecimento cultural, histórico e literário.

2 REVISÃO TEÓRICA

A arte faz parte da cultura humana, e como tal, é manifestada a partir da linguagem. As noções sobre a linguagem despertam para um grande caminho de investigações, visto que cada movimentação artística representa seu modo particular de expressão. Neste capítulo, são apresentadas as linhas teóricas que servem de suporte ao estudo que se empreende. Assim, compreendemos ser relevante apontarmos algumas considerações acerca da linguagem e da literatura.

2.1 BAKHTIN E A LINGUAGEM: CONSIDERAÇÕES SOBRE O DIALOGISMO, A INTERTEXTUALIDADE E A POLIFONIA.

A linguagem pode ser compreendida como uma prática social na qual o sujeito, bem como suas relações com o outro, e suas produções sociais se manifestam. Para Bakhtin (1997), a língua, assim como para Saussure, é um ato social e a sua existência é caracterizada pela carência de uma comunicação. No entanto, ao contrário da teoria saussuriana, que desconsidera a fala e consagra a língua como instrumento abstrato ideal, Bakhtin considera “a fala, a enunciação, e afirma sua natureza social e não individual: a fala está indissoluvelmente ligada às condições da comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais” (BAKHTIN, 1997, p. 14).

Assim, Bakhtin apresenta a língua não como um instrumento abstrato, mas como atividade social fundada nas necessidades de comunicação. Desta maneira, a natureza da língua teria sua essência dialógica.

O autor citado valoriza a enunciação que é manifestada por meio de um diálogo contínuo em um processo de interatividade verbal. Para Bakhtin, o enunciado é visto como a unidade da comunicação discursiva. Em cada enunciado se constitui um novo fato, uma situação única, irreptível da comunicação discursiva. Ele não pode ser repetido e sim citado, pois, nesse caso, configura-se em um novo fato.

O pensador russo salienta que a língua, entendida como sistema de signos, pode ser decodificada e traduzida para outros sistemas de linguagem. Deste modo, entende-se que

a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo fato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fato fenômeno social da interação verbal,

realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIIN, 1997, p. 123).

Neste sentido, a língua é uma atividade social entre falantes e a palavra-chave considerada por Bakhtin é enunciação/enunciado. O linguista valoriza a fala, a enunciação, salientando que sua natureza não é individual, mas é social. Neste sentido, a fala está relacionada às condições de comunicação, e ela permite que a linguagem se torne concreta. Segundo Bakhtin (2003, p. 261), “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”. Deste modo, ele declara que o sujeito pode se constituir com base em tudo aquilo que ele escuta em um processo de assimilação das palavras e dos discursos do outro. Assim, as palavras e os discursos se transformam em palavras do sujeito e em palavras do outro.

Com base na hipótese de que nenhum texto é inteiramente inédito/novo, e que este é um conjunto de experiências e leituras armazenadas no subconsciente, Bakhtin afirma que não existem enunciados isolados, pois “nenhum enunciado pode ser o primeiro ou o último. Ele é apenas um elo na cadeia [da comunidade discursiva] e fora dessa cadeia não pode ser estudado” (2003, p. 371). Ele ressalta também que tudo o que diz respeito ao sujeito chega a sua consciência a partir de outro. Em suma, para o linguista russo, “a palavra do outro deve transformar-se em minha-alheia (ou alheia-minha)” (BAKHTIN, 2003, p. 381). Desta forma, podemos concluir que nenhum enunciado é fielmente inédito/único, mas cada texto tem a sua interação com outro já existente.

Para esse tipo de processo, Bakhtin explicou o conceito de dialogismo, em que apresenta o escopo de sua teoria literária, tendo em vista que é a partir dele que as ligações são analisadas e refletidas, observando a relação entre os diversos tipos de discurso. O conceito de dialogismo criado por Bakhtin compreende a palavra em constante movimento e o sujeito não somente influenciado pelo meio, mas agindo sobre ele, modificando-o. O dialogismo ocorre em qualquer produção cultural, desta forma, ele pode ser entendido como ideia de heterogeneidade da linguagem, ou seja, o discurso é construído a partir do discurso do outro.

Assim, conforme Bakhtin o sujeito se constitui quando escuta e assimila as palavras e os discursos do outro, fazendo com que essas palavras e discursos se transformem, em parte, as palavras do sujeito e, em outra, as palavras do outro. Logo, o discurso se constrói a partir da relação do que é seu e daquilo que é do outro.

O princípio dialógico é compreendido por Bakhtin a partir da relação do homem e da vida. Para o autor, cada palavra ou enunciado surge como resposta a um enunciado anterior

e este aguarda, por sua vez, uma resposta. Desta maneira, a linguagem é concebida como interação verbal de relação dialógica, visto que o outro é essencial para que o homem se constitua.

O discurso é relevante no conceito bakhtiniano de romance, pois ele apresenta a interação de discursos anteriores, isto é, o discurso dialógico. Ele se encaixa com o discurso do outro e não deixa de dialogar com ele em uma relação viva e intensa. Desta maneira, essa relação dialógica é importante para que o homem, por meio da palavra, que é o instrumento pelo qual as pessoas interagem, possa se manifestar e refletir sobre o mundo e sobre ele mesmo.

José Eduardo Agualusa, em *Nação Crioula*, faz um trabalho intertextual e dialógico ao resgatar *A correspondência de Fradique Mendes*, de Eça de Queiroz, e tomar emprestada a personagem do título, para elaborar um romance epistolar em que Fradique relata o que não foi contado no livro do escritor português.

Segundo Kristeva (1974, p. 62), uma produção literária insere-se a um contexto e “a palavra literária não é um ponto (um sentido fixo), mas um cruzamento de superfícies textuais, um diálogo de diversas escrituras: do escritor, do destinatário (ou da personagem), do contexto cultural atual ou anterior”, isto significa que as missivas de Fradique retratavam um diálogo entre seu interlocutor e ele – no entanto, não temos ao alcance as cartas dos interlocutores – somente a última carta, escrita por Ana Olímpia, endereçada a Eça de Queiroz que resgata todas as missivas de Fradique.

De certa forma, José Agualusa faz um diálogo e reconstrói aquilo que já foi escrito por Eça, adicionando novas histórias e cartas, atualizando-as e reescrevendo-as no seu contexto histórico. De acordo com Kristeva (1974, p. 64), “todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de intertextualidade e a linguagem poética lê-se pelo menos como dupla”. Assim, a intertextualidade pode ser compreendida como uma relação dialógica entre dois ou mais textos.

Quando Julia Kristeva afirma que todo texto é um mosaico de citações, podemos entender a intertextualidade como um diálogo entre as linguagens, pois ela resgata outros textos, elaborando uma nova versão. Desta forma, o texto passa a ser o lugar onde as vozes se encontram e se cruzam. Assim, Agualusa utiliza-se do que já foi dito/escrito em *A correspondência de Fradique Mendes* para escrever a sua obra, produzindo não uma cópia, mas atualizando e complementado tudo aquilo que já foi escrito.

Um dos princípios basilares da intertextualidade é a polifonia, termo criado por Bakhtin (1993), que segundo o qual há um diálogo entre várias vozes e um entrecruzamento na construção do discurso. Ao trabalhar a polifonia no romance, o autor afirma que o gênero

é uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente, às vezes de línguas e vozes individuais. A estratificação interna de uma língua nacional única em dialetos sociais, maneirismos de grupos, jargões profissionais, linguagens de gêneros, fala das gerações, das idades, das tendências, das autoridades, dos círculos e das modas passageiras, das linguagens de certos dias e mesmo de certas horas (cada dia tem sua palavra de ordem, seu vocabulário, seus acentos), enfim, toda estratificação interna de cada língua em cada momento dado de sua existência histórica constitui premissa indispensável do gênero romanesco (BAKHTIN, 1993, p. 74).

Quando Julia Kristeva (1974) afirma que todo texto é um mosaico de citações, podemos entender a intertextualidade como um diálogo entre as linguagens, pois ela resgata outros textos, elaborando uma nova versão. Desta forma, o texto passa a ser o lugar onde as vozes se encontram e se cruzam. Ancorada nas ideias bakhtinianas de dialogismo e de polifonia, o conceito de intertextualidade para o estudo da literatura desperta a atenção para o fato de que as produções literárias reconstróem e redistribuem textos anteriores em um texto, levando a entender que todo texto é absorção e transformação de um outro texto.

2.1.1 Literatura – estabelecendo conceitos

Quando o homem passou a estudar e compreender a arte por ele mesmo produzida, questionamentos sobre a função e a definição de literatura têm surgido a todo o momento, porque essa palavra pode ser usada em muitos sentidos diferentes.

A palavra literatura tem origem do latim *littera* e significa letra, assim, entendemos que as manifestações do pensamento ou do sentimento podem ser expressas por meio da palavra. Esta faz parte, de maneira geral, ao campo das artes, em contraponto com as ciências e, através da linguagem tem contato com a pintura, a música e a escultura.

Os gregos tentaram conceituar a literatura desde a época em que costumavam contar histórias, encenar e declamar situações para os espectadores/ouvintes da época. Nesse período, Platão e Aristóteles deram início ao processo que hoje entendemos por literatura, porque naquela época, as narrações e os poemas eram declamados por intelectuais que passavam ao público todo o conhecimento dos textos produzidos.

Desta maneira, conceituar literatura não é uma simples tarefa para os estudiosos que a ela se dedicam. Mas, tradicionalmente, podemos considerá-la uma arte verbal. Conforme Proença Filho (1992, p. 9), “há os que entendem que a obra literária envolve uma *representação* e uma *visão* do mundo, além de uma *tomada de posição* diante dele”. Assim, tal posicionamento é compreendido como cópia ou reprodução da realidade; é a denominada concepção clássica da literatura.

Durante o século XIX, os românticos, sob à luz da ideologia que os norteia, entendiam “que ao artista cabe a visão das coisas como ainda não foram vistas e como são profunda e autenticamente em si mesmas” (PROENÇA FILHO, 1992, p. 9). No entanto, com o passar do tempo, essa concepção passa por uma mudança significativa, pois o “núcleo da conceituação se desloca para o como a literatura se realiza. Sua especificidade, segundo essa nova visão, nasce do uso da linguagem que nela se configura” (PROENÇA FILHO, 1992, p. 9).

A literatura é um modo de linguagem que tem a língua como apoio. Um texto literário apresenta uma maneira específica de comunicação que imprime um modo particular de discurso. Tal procedimento conduz a um dos mais significativos conceitos relacionados à arte literária: *mímese*.

Podemos compreender a mímese, sob a ideologia de Aristóteles, como *imitação*. Segundo Proença Filho (1992, p. 28), “imitar, no caso, significa muito mais do que a simples reprodução ou ‘fotografia do real’, embora essa palavra tenha atravessado os séculos e dominado, não sem alguma controvérsia, a literatura ocidental”. Entretanto, ao final do século XX, a teoria de Aristóteles passou a ser entendida como revelação da essência do real. Esta como imitação das essências, sob a estética do Ocidente, compreende a imitação das aparências (conceito de Platão) e a imitação das ações da natureza.

Conforme Proença Filho (1992, p. 29), “a língua, enquanto concretização da linguagem da comunidade, se restringe à simples representação de fatos ou situações particulares, observados ou inventados. A literatura se configura quando, ao tratar esses fatos ou situações, dimensiona-lhes elementos universais, na direção da natureza essencial dos mesmos”.

A ideia de mímese não é única, simples e objetiva, no entanto, muitos estudiosos têm buscado respostas para definir e caracterizar os questionamentos que vem sendo submetidos por um longo tempo. No entanto, é senso comum que “no texto literário, se configura uma situação que passa a ‘existir’ a partir dele como tal e que caracteriza uma

apreensão profunda do homem e do mundo, a partir de tensões de caráter individual ou coletivo” (PROENÇA FILHO, 1992, p. 29).

Tavares, no livro *Teoria Literária* (2002), reflete sobre os conceitos de literatura em dois períodos: o Clássico e o Moderno. No período Clássico de Platão e Aristóteles até o século XVIII, a literatura era considerada uma imitação da realidade. O conceito de arte como representação e imitação de Platão e Aristóteles, sugere que a literatura espelha ou imita a vida, ou seja, consiste em abordar vivências e experiências humanas.

Conforme Tavares (2002, p. 31), “a imitação não significa cópia servil da natureza, mas é uma outra espécie de criação calcada direta ou indiretamente naquela. A arte pode tomar da natureza o objeto e fantasiá-lo”. Com efeito, a representação do real não pode ser apresentada em um campo unilateral, pois apresenta uma natureza de várias dimensões, sendo assim, a literatura possibilita criar novas realidades. Não era apenas a forma, mas o conteúdo da obra que certificava uma arte considerada literária.

Por esta razão, Tavares ainda afirma que “a imitação em arte deriva de atitudes como o realismo e o idealismo. O realismo procura imitar diretamente a natureza, não raro caindo no naturalismo. Já o idealismo serve-se da natureza indiretamente, na qual a realidade contingencial da vida é deformada para melhor ou para pior” (2002, p. 31). Sob esta perspectiva, a arte e, por consequência a literatura no período clássico, é imitação. Esta possibilita recriar a natureza em qualquer sentido.

Na era moderna, a literatura é um conjunto da produção escrita e fictícia, sendo produzida a partir da visão de mundo de cada autor. Neste sentido, a literatura passa a ser entendida como a expressão do pensamento ou sentimento através da palavra. “A arte é, portanto, criação de uma realidade, que não é a simples realidade do mundo vivente. A arte é ficção, que pode ser verossímil e inverossímil” (TAVARES, 2002, p.33).

A literatura, por muitas vezes, utiliza a linguagem que não precisa de estruturas, regras e códigos para que se faça entender. A linguagem literária molda suas ideias e estruturas com suas peculiaridades; o autor tem a liberdade de criar uma estrutura que lhe possibilite a expressão de suas ideias. O processo literário se concretiza na relação autor/texto/leitor. A linguagem literária admite elementos de demonstração e de representação. É por meio desse tipo de linguagem que podemos pensar a língua com liberdade. E assim, o texto literário pode admitir diferentes interpretações. “A linguagem que a caracteriza é necessariamente ambígua e em permanente atualização e abertura, vinculadas estreitamente ao caráter conotativo que a singulariza” (PROENÇA FILHO, 1992, p. 29). Neste processo, as

palavras assumem novos significados, ganhando vida, enquanto que usualmente, em um discurso não literário, não pode haver ambiguidades.

No entanto, não podemos definir a literatura apenas como algo ficcional ou imaginativo porque emprega a linguagem de forma peculiar. Mas sim compreendê-la como uma forma de modificar a linguagem comum, distanciando-se da fala do dia-a-dia, tornando-se uma organização particular da linguagem.

2.1.1.1 Literatura comparada

A literatura comparada, como o próprio nome sugere, tem na sua raiz uma modalidade peculiar do ser humano: comparar. Seja com a intenção de associar ou diferenciar um pensamento, ação ou texto, com outro pensamento, ação ou texto, o modo comparatista tem alcançado muitos estudos. Conforme Carvalhal (1986, p. 6), “comparar é um procedimento que faz parte da estrutura do pensamento do homem e da organização da cultura”.

Pesquisas sobre a literatura comparada têm sido feitas antes mesmo de ter surgido a expressão Literatura Comparada. Num primeiro momento, este termo pode não levantar problemas de interpretação, pois de uma maneira geral, pode ser entendido como um modo de investigar e confrontar obras literárias.

O aparecimento da literatura comparada assemelha-se e confunde-se com a própria literatura. Embora tenha surgido há muito tempo, a literatura comparada aparece como disciplina sistematizada num contexto europeu. Como o principal objetivo de estudo era comparar/confrontar literaturas, o método comparatista objetivava identificar a influência entre os escritores, servindo de apoio para estabelecer o poder de um país sobre o outro.

Segundo Carvalhal (1986, p. 8), “o surgimento da literatura comparada está vinculado à corrente de pensamento cosmopolita que caracterizou o século XIX, época em que comparar estruturas ou fenômenos análogos, com finalidade de extrair leis gerais, foi dominante nas ciências naturais”.

Durante o século XIX, a nova disciplina se desenhou a partir da ideia de centralidade da literatura francesa, cujo principal estudo era a influência que representava sobre as demais. Assim, alguns elementos tornaram-se importantes para a concretização do modelo comparatista: acesso a um maior número de literaturas; desenvolvimento crítico e discussões relacionadas às ideias de hierarquia e valor na literatura.

No entanto, quando observamos estudos denominados literários comparados, percebemos que essa classificação abrange pesquisas bem diversificadas, com variados aspectos metodológicos que dão à literatura comparada um campo de atuação muito amplo. Desta forma, com o passar dos anos, muitos questionamentos têm sido levantados sobre o que é e o que pode ser analisado no campo da literatura comparada, isto é, identificar qual é o seu verdadeiro objeto de pesquisa. Mas, até o momento, nenhum estudioso conseguiu resolver essa questão.

No início dos estudos do comparatismo literário, a procura por similitudes era uma preocupação entre os estudiosos da época. Estes buscavam analisar a semelhança entre as obras em questão, buscando a identificação e a formação de paralelos. Entretanto, tal investigação marcava uma obediência cultural, visto que afirmada a similitude entre as obras, instaurava-se a dependência cultural de um país sobre o outro, fazendo assim, surgir sentimentos de dominação, em que um lugar ou posição denominava-se melhor que outro. Hoje os estudos comparados não visam demonstrar a soberania de um país sobre outro, mas sim evidenciar as diferenças e semelhanças que fazem parte de cada um e que contribuem para a formação e construção social, intelectual e política de qualquer país ou nação.

Esse contexto de dominação surgiu em países europeus, onde o fortalecimento do sentimento de nação se tornou o mote que conduziu métodos comparatistas. Assim, a partir da construção dos estados nacionais na Europa, deu-se segmento para a construção de uma nova ideia de cultura, economia, política próprios de cada nação.

A grande revolução política do século XV constitui, pois, a origem autêntica do método comparativo. Ela teve o objetivo de diferenciar as literaturas, nacionalizá-las, se é lícito dizer, configurando-lhes uma personalidade estética. Concedeu a cada uma delas a consciência da unidade, o sentimento da tradição nacional, a ideia clara de uma cadeia ininterrupta de obras no passado e no futuro, entre as quais se podia estabelecer o eixo de uma inspiração comum. E, dando origem às literaturas nacionais tornou igualmente possível seu estudo crítico e comparativo (REMAK, 2011, p. 38).

José Eduardo Agualusa, sob a influência de Eça de Queiroz, faz uma obra importante ao colocar em cena a personagem Fradique Mendes. Nessa perspectiva podemos dizer que o livro do português serviu de apoio para a elaboração de um novo romance que, de alguma maneira, deu uma continuação para a existência da personagem.

Ao aproximar seu romance, *Nação Crioula*, da obra do escritor português, Agualusa lança um novo olhar para o passado ao colocar em relevo a história de Angola, mais precisamente a cidade de Luanda do século XIX. Assim, o leitor é convidado a conhecer ou relembrar a personagem Carlos Fradique Mendes.

Desta maneira, o estudo que se projeta tem como base a Literatura Comparada, pois entendemos que ficção e história podem caminhar juntas e além do mais, unindo a literatura com outras áreas do saber, temos a possibilidade de observar as fronteiras e conexões entre cada uma delas de modo que possam enriquecer os estudos, aperfeiçoando o conhecimento das áreas envolvidas.

Conceituar literatura comparada não é uma tarefa muito tranquila, pois vários estudiosos a definem e a veem de maneiras diferentes. Henry Remak faz uma definição de literatura comparada em que toca na questão das fronteiras dos países e os entrelaçamentos que possam gerar:

A literatura comparada é o estudo da literatura além das fronteiras de um país específico e o estudo das relações entre, por um lado, a literatura, e, por outro, diferentes áreas do conhecimento e da crença, tais como as artes (por exemplo, a pintura, a escultura, a arquitetura, a música), a filosofia, a história, as ciências sociais (por exemplo, a política, a economia, a sociologia), as ciências, a religião etc. Em suma, é a comparação de uma literatura com outra ou outras e a comparação da literatura com outras esferas da expressão humana (Texte. In: CARVALHAL; COUTINHO, 2011, p. 189).

Assim, a literatura comparada nos apresenta uma forma de observar as outras fronteiras e fazer as conexões entre cada uma delas de modo que possam enriquecer os estudos, aperfeiçoando o conhecimento das culturas envolvidas. Desta forma, estudar a literatura comparada é entender que as reflexões podem se adequar aos tempos e espaços. Neste sentido, Carvalhal afirma que

a dificuldade de chegarmos a um consenso sobre a natureza da literatura comparada, seus objetivos e métodos, cresce com a leitura de manuais sobre o assunto, pois neles encontramos grande divergência de noções e de orientações metodológicas. Muitos fogem a essas questões. Outros dão conta das tendências tradicionalmente exploradas sem problematizá-las. Alguns tendem a uma conceituação generalizadora. E há ainda os que preferem restringir a determinados aspectos o alcance dos estudos literários comparados (CARVALHAL, 1986, p. 6).

O método comparado oferece à literatura uma forma mais flexível diante dos procedimentos mais hierárquicos oriundos de séculos passados. A França, por exemplo, com sua suposta superioridade, utilizava o método comparado para dar destaque aos seus estudos e pesquisas provocando hierarquia de valores em relação aos países vizinhos. Entretanto, com o desenvolvimento significativo de pesquisas na área, a estrutura da literatura comparada provocou indagações de conceitos equivocados na França.

A contrapartida surgiu dos professores da chamada Escola Americana, que adotaram uma postura mais aberta e cosmopolita. Enquanto em países europeus as pesquisas

comparadas permaneciam no campo exclusivamente literário, nos Estados Unidos nasceu a possibilidade de estreitar a rede de relações literárias, criando assim uma nova postura metodológica que lançou o diálogo entre a Literatura e outras áreas do conhecimento. Desta maneira, percebemos que a literatura comparada é, desde seu surgimento, um aspecto teórico elaborado por contrapontos, o que resultou em bons desdobramentos na procura por suas definições.

3 LINGUAGEM LITERÁRIA: ESTRUTURA DA NARRATIVA

Como podemos diferenciar um texto literário de um não literário? É muito habitual nos depararmos com a definição de que um texto dito literário configura-se em ficção, enquanto que o não literário não é.

A literatura colabora na formação de opinião e na construção ideológica das pessoas, embora sua expressão seja a arte através da palavra, a sua importância e representação histórica e social não pode ser rejeitada e nem relacionada apenas à ficção e leituras prazerosas.

Terry Eagleton (2006) afirma que um texto é literário quando nasce na imaginação, diferenciando-se, de um anúncio em um supermercado, por exemplo. Entretanto, o autor salienta que a literatura “seja definível não pelo fato de ser ficcional ou ‘imaginativa’, mas porque emprega a linguagem de forma peculiar, transformando-a e intensificando-a, afastando-se sistematicamente da fala cotidiana” (EAGLETON, 2006, p. 03).

Assim, é o uso não habitual / cotidiano que torna esse tipo de linguagem peculiar, pois se todas as pessoas utilizassem um termo dito literário regularmente ou frequentemente, possivelmente este termo deixaria de ser “poético”.

Segundo Eagleton, a definição de literatura “fica dependendo da maneira pela qual alguém resolve *ler*, e não da natureza daquilo que é lido” (EAGLETON, 2006, p. 12). Desta maneira, se ela não tem uma finalidade prática e imediata, a interpretação terá como subsídio os conhecimentos prévios do leitor, suas experiências, suas ideologias e seus preconceitos. Assim, a literatura pode ser “tanto uma questão daquilo que as pessoas fazem com a escrita como daquilo que a escrita faz com as pessoas” (EAGLETON, 2006, p. 10).

Portanto, como mudam-se os tempos, as opiniões e os juízos de valor também mudam; e a literatura vai se construindo e se desenhando de acordo com as mudanças e a linguagem se adaptando à nova realidade. De acordo com Eagleton (2006, p. 19), “todas as obras literárias, em outras palavras, são ‘reescritas’, mesmo que inconscientemente, pelas sociedades que as lêem; na verdade, não há releitura de uma obra que não seja também uma ‘reescritura’”. Desta maneira, nenhum texto ou livro pode ser lido e analisado por diversos leitores sem que sofra modificações, pois o modo como lemos não é o mesmo de outras pessoas, porque dependerá da época e da percepção de cada leitor sobre aquilo que lê.

3.1 ESTUTURA DA NARRATIVA

Contar e narrar histórias é um exercício cotidiano e praticado por todos. Durante o dia a dia, nós escutamos, contamos, lemos e até mesmo escrevemos narrativas, porque há sempre uma necessidade de (re)contar uma história, passá-la adiante. Há muitas possibilidades de narrar, seja por meio da oralidade, textos escritos (verso ou prosa), ou utilizando a linguagem não verbal.

Quanto às narrativas de uma obra literária em prosa, é senso comum de que elas se dividem em três principais categorias: *conto*, *romance* e *novela*. O romance, objeto principal de nossa pesquisa, segundo Proença Filho (1992, p. 45), “prende-se a uma vasta área de vivência, faz-se geralmente pela história longa e apresenta uma estrutura complexa”. Nessa estrutura, há elementos essenciais que possibilitam uma melhor compreensão do contexto-narrativo, como enredo, personagem, tempo, espaço, narrador, entre outros; sem eles seria impossível ter a obra completa.

Tavares (2002), em seu livro *Teoria Literária*, discorre algumas considerações sobre a palavra romance:

[...] Do latim “*romanice*”, - na Idade Média foi usado literariamente na França, Espanha e Portugal para designar a poesia épica ou simplesmente a narrativa. [...] No princípio do classicismo a palavra que especificava a narrativa de imaginação era “*novela*” (do italiano “*novela*”: *novelo*). Somente a partir do século XVIII começou a palavra “*romance*”, a ter o sentido que hoje lhe atribuímos, e por isso apenas no domínio das literaturas em língua portuguesa e francesa. [...] Foi com o romantismo que o romance atingiu sua plena maturidade e afirmação como espécie literária (TAVARES, 2002, p. 121).

O autor ainda faz rápidas considerações acerca dos assuntos que um romance abrange: históricos, psicológicos, experimentais, sentimentais, cientificistas e de aventuras.

Conforme apresentado anteriormente, a obra em estudo é um romance escrito em formato epistolar em que a personagem Fradique Mendes troca cartas com Eça de Queiroz, Ana Olímpia e Madame de Jouarre, fazendo relatos de suas viagens e experiências durante o período colonial de Angola e do Brasil.

Romance epistolar é um tipo de narrativa que consiste na elaboração de histórias, especialmente por meio de cartas, embora também sejam consideradas narrativas escritas em forma de diários, de artigos jornalísticos e de mensagens eletrônicas.

A palavra epistolar tem sua origem no latim *epistoláris* e tem o sentido de carta/epístola. Esse tipo de recurso literário alcançou seu auge no século XVIII e, para este gênero, as narrativas retratam valores morais e psicológicos relevantes. Num romance

epistolar, a história é narrada em primeira pessoa e o autor ou o narrador deixa um distanciamento entre a pessoa com quem troca cartas para que assim a história se torne verossímil. Um famoso romance epistolar da literatura é *Drácula* (1897) de Bram Stoker, em que conta a história de um vampiro, o Conde Drácula, figura excêntrica que mora em um castelo na Transilvânia.

Assim, sendo um romance epistolar ou não, para que possamos entender a sua estrutura são necessários alguns elementos na sua construção. Elementos estes que discorreremos nos itens abaixo.

3.1.1 Enredo

O enredo presente em uma narrativa refere-se aos fatos contados e vivenciados pelas personagens. Trata-se de uma soma de acontecimentos narrados numa sequência de ocorrências, relações entre personagens e identificação do tempo-espaço. É também entendido por ação, intriga, trama ou história.

A narrativa de um enredo pode seguir, ou não, uma sequência direta/linear. A sequência linear é caracterizada pelos acontecimentos narrados em ordem temporal, ou seja, os fatos seguem uma ordem cronológica. Em outras situações, o enredo pode passar por discontinuidades, com situações de antecipações e de retrospectivas, no entanto, podemos reelaborar uma sequência.

Segundo Gancho (2002), há dois pontos importantes para se analisar um enredo: *sua organização e sua natureza ficcional*.

Quando falamos da natureza ficcional de um texto, fazemos referência à “lógica interna do enredo, que o torna verdadeiro para o leitor; é, pois a essência do texto de ficção” (GANCHO, 2002, p. 10). Isso não quer dizer que os fatos de um enredo tenham de ser reais, mas devem ser *verossímeis*, ou seja, embora sejam fatos criados/inventados, a pessoa que lê deve confiar naquilo que está lendo.

Gancho ainda salienta que “cada fato da história tem uma motivação (*causa*), nunca é gratuito e sua ocorrência desencadeia inevitavelmente novos fatos (*consequência*). A nível de análise de narrativas, a verossimilhança é verificável na relação causal do enredo, isto é, cada fato tem uma causa e desencadeia uma consequência” (2002, p. 10).

A compreensão da estrutura do enredo não acontece somente a partir do momento em que observamos que a história tem começo, meio e fim. É necessário e relevante compreendermos que existe um instrumento estruturado: o *conflito*, que causa uma série de desencadeamentos durante o enredo. Conforme Gancho (2002), o conflito acontece quando há um choque entre qualquer componente da história que se opõe a outro, criando um momento de tensão que prende a atenção do leitor.

De acordo com Gancho (2002), o conflito compõe as partes do enredo que seguem as seguintes estruturas:

1. *Exposição ou introdução*: trata-se do início da história. É o momento em que o leitor é situado sobre o assunto que irá ler. São apresentados ao leitor as situações iniciais, as personagens, etc.
2. *Desenvolvimento ou complicação*: é a parte em que o conflito é desenvolvido/apresentado; pode haver mais de um conflito na trama.
3. *Clímax*: é o momento de tensão máxima. É a parte de maior euforia na história, na qual o conflito alcança o seu ponto culminante.
4. *Conclusão ou desfecho*: é o momento de resolução do conflito, para o bem ou para o mal, caracterizando-se em um final feliz ou não.

3.1.2 Espaço

O espaço de uma narrativa é o lugar em que a história acontece, não somente o físico, mas também os culturais, os morais, os psicológicos e os ambientes sociais. É formado pelas condições materiais ou espirituais nas quais as personagens se deslocam e onde se desenrolam os acontecimentos. O espaço caracteriza-se por lugares geográficos, como cidades, fazendas, praias, navios, uma casa pequena, até mesmo um quarto de um sanatório. Os objetos que fazem parte destes lugares são importantes e relevantes.

Segundo Gancho (2002, p. 23), “o espaço tem como funções principais situar as ações dos personagens e estabelecer com eles uma interação, quer influenciando suas atitudes, pensamentos ou emoções, quer sofrendo eventuais transformações provocadas pelos personagens”.

No entanto, além desse espaço geográfico, considera-se ainda, o espaço social e psicológico, isto é, os ambientes culturais e sociais que constituem o contexto da narrativa. Segundo Moisés (1981, p. 107), “a frequência e a intensidade e densidade com que o lugar

geográfico se impõe no conjunto de uma obra ficcional está em função de suas características”.

3.1.3 Tempo

Para a teoria literária, o tempo representa grande importância para o contexto narrativo, pois, de acordo com Moisés (1981, p. 101), “criando o tempo, o homem nutre a sensação de superar a brevidade da existência, e de identificar-se demiurgicamente, com o tempo cósmico, que permanece para sempre, indiferentemente à finitude da vida humana; gerando o tempo, o ficcionista alimenta a ilusão de imobilizá-lo ou de transcendê-lo”. Dessa maneira, o tempo agrega os elementos de uma obra ficcional, desde a linguagem até o enredo.

Segundo Proença Filho,

A literatura moderna busca exprimir não apenas a irreversibilidade do tempo que se escoou, mas ainda uma distância interior, um tempo subjetivo[...] Esse posicionamento envolve necessariamente as relações da narrativa, instalando-se no âmbito da consecução e da consequência, substituindo na ordem de apresentação ficcional a sequência *cronológica* pela sequência *psicológica*. (1992, p. 53).

Na teoria da narrativa, podemos classificar estas duas concepções de tempo: *o tempo cronológico ou histórico e o tempo psicológico ou metafísico*.

O tempo cronológico, podemos observá-lo como o mais exigente da narrativa. Este se delimita por uma série de fatos/ações com sequência linear, isto é, o enredo não passa por oscilações de data. Segundo Moisés (1981, p. 102), o tempo cronológico “corresponde à marcação das horas, minutos e segundos, no relógio, de acordo com o tempo físico ou natural, disposto em dias, semanas, meses, anos estações, ciclos lunares, etc.”.

Por sua vez, o tempo psicológico é caracterizado pela subjetividade das personagens. Segundo Moisés (1981), esse tempo obedece ao calendário e passa pelas personagens como um presente infinito, sem que haja começo, meio e fim. O tempo psicológico ou essa forma de vivência narrativa se passa através das experiências subjetivas das personagens por meio de técnicas distintivas do discurso vinculadas à capacidade de (re)criação da memória.

Além dos tempos da narrativa – cronológico e psicológico – podemos observar a presença do *tempo do discurso*. Este expõe o modo como o tempo da narrativa pode ser desenvolvido através de métodos e concepções narrativas e estilísticas particulares a cada criação literária.

O tempo é parte essencial e integrante da narrativa, assim como o espaço e a pessoa. Há um momento que o tempo é estabelecido no texto em um marco temporal: presente, pretérito e futuro, visto que, em cada marca temporal, os fatos podem ser anteriores, paralelos ou posteriores.

A utilização que se faz dos tempos para contar ou descrever uma história, verifica as situações retratadas no texto, ou seja, temporaliza um texto. O narrador, ao utilizar o tempo presente, tem que presenciar o fato. Se a linguagem transcrevesse os tempos do mundo, somente seria possível narrar no passado/pretérito. No entanto, podemos narrar qualquer elemento destes tempos verbais, pois em toda narrativa há uma construção de linguagem e cada narrativa tem relação essencial com a temporalidade.

Para Reales e Confortin (2008), na narrativa, o uso dos tempos verbais utilizados caracteriza efeitos estilísticos próprios a cada situação narrada, seja enquanto aspecto interno particular de uma história, ou como elemento geral de um uso em gramática que fundamenta toda uma narrativa.

Em uma história contada no tempo presente por exemplo, é desenvolvida uma visão de simultaneidade entre o narrador e o fato, pois se cria uma impressão de uma situação que se passa no exato momento em que é lido. Já nas narrativas do tempo futuro ocorrem as ditas *narrativas proféticas*, em que se deduz, fantasia-se, ou se profetiza alguma situação do futuro.

No entanto, narrar no passado, no presente ou no futuro é uma questão de escolha linguística. Segundo Reales e Confortin (2008, p. 63), “o tempo do discurso remete à própria interação dos modos em que a linguagem é conduzida no discurso narrativo e à relação dessa formalização com o ato de leitura”. Desta maneira, a elaboração de temporalidade exhibe o modo como o tempo do discurso constrói em termos formais, gramaticais ou estilísticos para dar conta das alternativas expressivas que surgem da pluridimensionalidade do tempo da narrativa contada.

3.1.4 Personagem

Além do enredo, do tempo e do espaço, dentro da narrativa, as personagens são elementos relevantes e valiosos, porque são elas que vivenciam os acontecimentos. Personagem é um ser que faz parte de uma história e que, deste modo, somente existe como tal se participa verdadeiramente do enredo, ou seja, se fala ou age. Desta maneira, a

personagem é a responsável pela construção do enredo, porque é ela quem pratica a ação. As personagens “dão condição de existência ao enredo e ‘vivem’ nele como participante da história” (PROENÇA FILHO, 1992, p. 50).

Segundo Proença Filho (1992, p. 50), “as múltiplas classificações, nascidas das mais variadas posições críticas, se apoiam no que os personagens ‘são’, no que ‘representam’ ou no que ‘fazem’, privilegiando, assim, dimensões aspectuais”.

Podemos demarcar uma personagem, analisá-la e descrevê-la isoladamente, entretanto, não podemos desconsiderar a sua interação e relação com outras personagens da narrativa. Conforme Moisés (1981), podemos classificar as personagens em dois grupos em conformidade com seus elementos básicos: *personagens redondas e personagens planas*.

Personagens planas são pouco complexas e não apresentam muitos atributos. Estas são dotadas de altura e largura, mas não de profundidade, apresentam somente um defeito ou uma qualidade, podendo gerar tipos e caricaturas.

Dir-se-ia que as personagens planas não evoluem (por dentro), mas que se repetem, ao passo que as redondas somente nos dão idéia de sua identidade profunda quando, fechado o romance, verificamos que, através de tantas modificações, apenas deram expressão à multiforme personalidade que possuem: sua identidade não se manifestaria por meio de uma só faceta, mas quando fossem conhecidas todas as suas mutações possíveis (MOISÉS, 1981, p. 113).

Em relação às personagens redondas, estas apresentam forte personalidade e muitas habilidades que se revelam ao longo da narrativa. As redondas possuem uma série complexa de qualidades e/ou defeitos, envolvendo caracteres; exibem a dimensão que falta às planas. Entretanto, a aparente estaticidade das personagens planas não pode ser confundida com uma análise estática, a qual tem relação com a descrição da personagem, “segundo as palavras diretas do próprio ficcionista, ou que dela se depreende” (MOISÉS, 1981, p. 111). Ela pode ser analisada estática e/ou dinamicamente, sendo a maneira dinâmica uma forma de acompanhar a evolução da personagem, plana ou redonda, no decorrer da história.

Com base no que foi exposto, podemos analisar e observar a relevância que as personagens têm na narrativa, bem como classifica-las conforme seu comportamento e suas ações.

3.1.5 Narrador

Em uma produção textual de caráter narrativo, o narrador é o componente que estrutura todos os elementos da narrativa, não podendo existir narrativa sem narrador. Para tanto, devemos nos atentar ao fato de que autor e narrador são entidades distintas. Conforme Gancho (2002, p. 26), “o narrador não é autor, mas uma entidade de ficção, isto é, uma criação linguística do autor, e portanto só existe no texto”. Assim, o narrador, pelo fato de relatar/narrar as histórias, é o que se aproxima do leitor ou ouvinte.

As expressões *foco narrativo e ponto de vista* são usadas para demonstrar a função do narrador durante a narrativa, referindo-se à posição ou a perspectiva do narrador diante das situações narradas. “Assim, teríamos dois tipos de narrador, identificados à primeira vista pelo pronome pessoal usado na narração: primeira ou terceira pessoa (do singular)” (GANCHO, 2002, p. 26).

Gancho (2002) descreve dois tipos de narradores: *o narrador em terceira pessoa e o narrador em primeira pessoa ou narrador personagem*.

O narrador em terceira pessoa é aquele que aparece “fora dos fatos narrados, portanto seu ponto de vista tende a ser mais imparcial” (p. 27). Esse tipo de narrador apresenta para o leitor ou ouvinte as condições do tempo do espaço onde acontece a história e tem como funções primordiais a *onisciência* (é aquele narrador que sabe tudo sobre o enredo) e a *onipresença* (é o tipo de narrador que está em todos os lugares da narrativa). O narrador em terceira pessoa “não apenas narra o que se passa com os personagens, ele sabe mais que os personagens” (GANCHO, 2002, p. 27).

O narrador em terceira pessoa apresenta algumas variantes como:

- a) *Narrador intruso*: é aquele que dialoga com o leitor ou faz julgamentos diretos sobre o comportamento das personagens.
- b) *Narrador parcial*: é aquele que se identifica com uma personagem determinada, e embora não a defenda diretamente, possibilita que a personagem tenha maior visibilidade na história.

O narrador personagem ou em primeira pessoa é aquele que participa diretamente da história como qualquer personagem. Não tem a onipresença e nem a onisciência, pois seu campo de visão é limitado.

Este tipo de narrador também apresenta variantes como:

- a) *Narrador testemunha*: é aquele que narra os fatos dos quais teve participação, sem grande destaque, porque não é personagem central.
- b) *Narrador protagonista*: é considerado personagem central; é aquele “que está distante dos fatos narrados e que, portanto, pode ser mais crítico de si mesmo” (GANCHO, 2002, p. 29).

Sendo assim, a narrativa em sua estrutura apresenta enredos, espaços, tempos e personagens aproximados da realidade, podendo ser verossímeis ou inverossímeis. A linguagem literária, através da palavra, tenta em suas narrativas, expressar e representar a partir da emoção e da imaginação do homem a sua relação com o mundo.

4 A QUESTÃO DA IDENTIDADE

As reflexões sobre a identidade geram muitas indagações e estudos, pois em cada ramo do conhecimento, questões acerca desse tema admitem significados diferentes. É por meio dos questionamentos sobre a identidade que buscamos nossas raízes e origens, bem como diferenciamos o que nos une e o que acaba nos distanciando. A identidade é um elemento primordial para a formação de cada indivíduo, pois elas

parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Tem a ver não tanto com as questões “quem nós somos”, ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios” (HALL, 2000, p. 108-109).

Desta forma, o conceito de identidade passa por um processo de construção identitária em que o indivíduo na relação com um grupo em que se encontra, passa a sentir-se pertencente a ele, apropriando-se de suas crenças e de seus valores.

Benedict Anderson, em *Comunidades Imaginadas*, reflete acerca do caráter irreal ou real das comunidades imaginadas ao defender que “as comunidades se distinguem não por sua falsidade/autenticidade, mas pelo estilo em que são imaginadas” (ANDERSON, 2008, p. 33). Desta maneira, em algumas regiões a identidade pode ter como base o passado e a língua por exemplo, em outras as tradições ou os hábitos de um povo, isto é, cada lugar, país ou povo imagina um tipo de identidade que se modifica no espaço e no tempo.

Stuart Hall, no livro *Identidade Cultural na pós-modernidade* (2003), tece algumas considerações a respeito das transformações sofridas pelo sujeito no decorrer da modernidade, evidenciando ter ocorrido forte mudança das identidades culturais que apresentavam coerência e estabilidade aos sujeitos.

No livro, Hall discorre acerca dos modos de identidade levando em conta aspectos históricos, sociais, culturais e políticos. Em suas considerações, o autor argumenta sobre uma provável “crise de identidade”, que influencia o sujeito em tempos atuais, tornando-o menos centralizado e mais instável no mundo contemporâneo. Desta maneira, Hall apresenta algumas reflexões a respeito das mudanças de conceitos do sujeito ao longo da história, levando em conta o modo em que as construções identitárias foram se constituindo no decorrer dos tempos.

Assim, conforme Hall (2003), há três concepções de identidade: *do sujeito do iluminismo, do sujeito sociológico e do sujeito pós-moderno*.

O primeiro se refere, como o próprio nome já sugere, ao momento histórico do Iluminismo. Este conceito estava baseado

numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele – ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa (HALL, 2003, p. 10-11).

Assim, a concepção desse sujeito é centrado e unificado, e quando nasce traz consigo para toda vida seu núcleo que é a sua essência, demonstrando sua característica individual.

Já a concepção do segundo sujeito, o sociológico, trata-se da construção da identidade a partir da interação entre o eu e a sociedade, levando em consideração o lugar social onde nasce o sujeito, sua classe social e sua cultura. A concepção de sujeito sociológico “refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com 'outras pessoas importantes para ele', que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele / ela habitava” (HALL, 2003, p. 11).

Nessa concepção de sujeito, o seu núcleo que é sua essência, passa a sofrer as influências do mundo exterior e das interações sociais que atravessam seu ambiente social. A identidade na visão sociológica “preenche o espaço entre o ‘interior’ e o ‘exterior’ – entre o mundo pessoal e o mundo público” (HALL, 2003, p. 11).

O terceiro tipo de sujeito, o pós-moderno, aparece com a visão de um sujeito sem identidade fixa ou permanente, pois está se transformando em um sujeito fragmentado, constituído por várias identidades. Desta maneira, “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2003, p. 13).

Assim, o sujeito pós-moderno se afasta do sujeito unificado do iluminismo e do sujeito sociológico de acordo com sua condição social, porque no mundo atual o sujeito pós-moderno apresenta identidades múltiplas, fragmentadas. “Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais ‘lá fora’ e que asseguravam nossa

conformidade subjetiva com as ‘necessidades’ objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais” (HALL, 2003, p. 13).

Quando Hall salienta que o sujeito pós-moderno assume identidades diversas em momentos distintos; identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente, ele sugere que a identidade totalmente unificada e completa é uma fantasia, porque o mundo sofre e está em mudanças e os modos de significação e representação cultural se multiplicam e evoluem, fazendo com que o sujeito se confronte com uma pluralidade desconcertante de identidades possíveis, “com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (HALL, 2003, p. 13).

O mesmo autor ainda salienta que “na linguagem do senso comum, a identificação é constituída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal” (HALL, 2000, p. 106).

Em alguns países africanos, no campo das literaturas de expressão portuguesa, a questão do convívio com os portugueses toca no que Benjamin Abdala Junior chama de *crioulidade* (a mistura de culturas e povos).

O estudo comparativo com as literaturas dos países africanos lusófonos ganha marcado peso ideológico pelo caráter impositivo da situação de dependência que os envolveu até recentemente. Uma das respostas a esse situação secular de carência foi a *crioulidade* – uma profunda miscigenação cultural que originou formas de resistência e de promoção dos valores da nacionalidade. Dessa forma, paralelamente ao que ocorreu no plano linguístico, quando apareceram os dialetos crioulos africanos, no plano mais amplo da cultura também houve um processo intenso de miscigenação. Mesclam-se duas culturas, mas com dominante nacional africano. As culturas dinamizam, assim, uma cultura africana miscigenada (ABDALA JUNIOR, 1989, p. 38-39).

Bhabha, em o *Local da Cultura*, argumenta que “o reconhecimento que a tradição outorga é uma forma de identificação. Ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição. Esse processo afasta qualquer acesso imediato a uma identidade original ou uma tradição ‘recebida’” (1998, p. 21). Sob esta perspectiva, o entrecruzamento de um povo com a tradição possibilita buscar as raízes, as origens de sua história, isto é, sua identidade; e tanto a memória quanto a tradição representam um mecanismo de sabedoria e de conhecimento de episódios passados. Neste sentido, relatar e narrar um fato estabelece a relação entre tradição e costume de uma comunidade que contribui para a perpetuação de uma memória. Assim, podemos compreender

a identidade como as características particulares de um determinado grupo ou povo por meio de suas experiências, crenças e ritos que formam uma identidade cultural.

4.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE NAÇÃO

Neste capítulo faz-se necessário discorrermos sobre o conceito de nação, levando em consideração que é uma palavra chave para nossa pesquisa. Salientamos que, como o termo “nação” está inserido dentro de grandes contribuições intelectuais, por onde perpassam concepções sob perspectivas variadas, nesta pesquisa, limitamo-nos, portanto, ao pensamento de Benedict Anderson (2008) e de Eric Hobsbawn (2013).

Benedict Anderson e Eric Hobsbawn são figuras importantes no âmbito das discussões acerca dos conceitos de nação e nacionalismo, visto que cada um, dentro de sua perspectiva e com bagagem teórica de muita relevância, buscavam manifestar estudos e opiniões ao repensar Estado e Nação e os conceitos ligados a eles, como nacionalidade, nacionalismo, identidade, linguagem, etnia e entre outros.

Benedict Anderson define nação como “comunidade imaginada” (2008, p. 32). Para o autor, os conceitos de nação, nacionalismo e nacionalidade não têm sido fáceis de definir e analisar. Segundo o autor, nacionalidade e nacionalismo são elementos culturais específicos e que, para compreendê-los da melhor maneira, é preciso considerar suas origens e transformações. Para refletir sobre este conceito, Anderson afirma que:

Dentro de um espírito antropológico, proponho a seguinte definição de nação: uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo soberana. Ela é *imaginada* porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão ou nem sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todas tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles. [...] Imagina-se a nação *limitada* porque mesmo a maior delas, que agregue, digamos, um bilhão de habitantes, possui fronteiras finitas, ainda que elásticas, para além das quais existem outras nações. [...] Imagina-se a nação *soberana* porque o conceito nasceu na época em que o Iluminismo e a Revolução estavam destruindo a legitimidade do reino dinástico hierárquico de ordem divina. [...] E, por último, ela é imaginada como uma *comunidade* porque, independentemente da desigualdade e da exploração efetivas que possam existir dentro dela, a nação é sempre concebida como uma profunda camaradagem horizontal (ANDERSON, 2008, p. 32-34).

Anderson (2008) defende que o surgimento das comunidades imaginadas só foi possível a partir do declínio lento e irregular de três concepções fundamentais: a primeira delas é a ideia de que uma determinada língua escrita oferecia acesso privilegiado a uma

verdade absoluta; a segunda é a crença de que a sociedade se organizava abaixo e em torno de centros elevados – monarcas que governavam por meio de uma graça divina; e a terceira é a ideia da temporalidade em que a história e a cosmologia se confundem e as origens do mundo e do homem são em sua essência as mesmas. Desta forma, o declínio dessas certezas, sob o impacto das descobertas sociais e científicas e da mudança econômica, provocou um grande impacto nas concepções cosmológicas e na história. O autor ainda destaca como a decadência de línguas sagradas como o latim e dos estados dinásticos extinguiu compreensões cosmológicas, e defende que “pensar a nação” tornou-se necessária, pois a maneira de entender e apreender o mundo sofreu mudanças. Segundo Anderson (2008), duas coisas contribuíram para isso: o romance e o jornal, porque “essas formas proporcionaram meios técnicos para ‘re-presentar’ o tipo de comunidade imaginada correspondente à nação” (p. 55). Desta forma, o meio editorial permitiria as pessoas pensar sobre si mesmas e se relacionar com as demais de modos novos e diversos. Anderson ainda salienta que o capitalismo foi importante para a origem da consciência nacional, pois “a convergência do capitalismo e da tecnologia de imprensa sobre a fatal diversidade da linguagem humana criou a possibilidade de uma nova forma de comunidade imaginada, a qual, em sua morfologia básica montou o cenário para a nação moderna” (ANDERSON, 2008, p. 82).

A imprensa capitalista também permitiu a consciência do nacionalismo, expandindo o mercado de livros e criando diversos campos de comunicação. Este fato possibilitou a consciência da existência de outros povos, culturas, linguagens, etc. Desta forma, como o setor editorial acompanhava a lógica do capitalismo, ou seja, a busca incansável do lucro, buscou-se obras que fossem vendáveis. Além do mais, passou-se a utilizar as chamadas línguas vulgares (de uso popular) na produção dos textos.

Conforme Anderson, o impulso revolucionário da imprensa capitalista deveu-se a três fatores externos, dois dos quais contribuíram diretamente para o surgimento da consciência nacional. O primeiro foi uma alteração no caráter do próprio latim, onde “o latim que agora eles queriam escrever era cada vez mais ciceroniano, e, além disso, cada vez mais afastado da vida eclesiástica e cotidiana” (ANDERSON, 2008, p. 73).

O segundo foi o impacto da Reforma que ao mesmo tempo deve grande parte do seu êxito ao capitalismo editorial. Conforme Anderson, na gigantesca guerra para conquistar o pensamento dos homens, “o protestantismo sempre manteve a ofensiva, justamente porque sabia como utilizar o mercado editorial vernáculo, que estava sendo criado e expandido pelo capitalismo, enquanto a Contrarreforma defendia a cidadela do latim” (ANDERSON, 2008, p. 74).

E o terceiro foi a disseminação lenta, geograficamente irregular, de línguas vulgares como instrumentos de centralização administrativa, visto que o avanço dessas línguas ao status de línguas-poder foi essencial para o declínio da comunidade da cristandade. No entanto, Anderson afirma que é

[...] plenamente possível conceber o surgimento das novas comunidades nacionais imaginadas sem um desses fatores, ou mesmo sem nenhum deles. O que tornou possível imaginar as novas comunidades, num sentido positivo, foi a interação mais ou menos casual, porém explosiva, entre um modo de produção e de relações de produção (o capitalismo), uma tecnologia de comunicação (a imprensa) e a fatalidade da diversidade linguística humana (ANDERSON, 2008, p. 78)

Neste sentido, o surgimento da nação está relacionado à formação de um grande grupo social: a burguesia. Conforme Anderson, “era uma classe que, em termos figurados, nasceu como classe apenas por múltiplas repetições” (2008, p. 119). Para o autor, os membros da burguesia, principalmente os da indústria, por meio da língua impressa, percebiam a existência de outros semelhantes a eles.

A “última onda” dos nacionalismos, a maioria deles nos territórios coloniais da Ásia e da África, foi, na sua origem, uma reação ao novo tipo de imperialismo mundial, possibilitado pelas realizações do capitalismo industrial. [...] Em combinações variadas, as aulas de nacionalismo crioulo, vernáculo e oficial eram copiadas, adaptadas e aprimoradas. Finalmente, enquanto o capitalismo, numa rapidez crescente, transformava os meios de comunicação física e intelectual, as camadas intelectuais descobriram formas alternativas à imprensa, difundindo a comunidade imaginada não só para as massas iletradas, mas até para as massas letradas que *liam* outras línguas (ANDERSON, 2008, p. 197-198).

Raul Antelo, em seu livro *Algaravia: discursos de nação*, faz alguns apontamentos sobre a questão da identidade nacional. Para o autor, pensar a nação como comunidade imaginada, referindo-se à teoria de Anderson, reflete em pensar a identidade nacional como algo ficcional, o que não significa uma identidade “falsa”, mas sim uma que se constrói de modo discursivo. “A matéria vernacular dessa construção permanente é, contudo, histórica e, portanto, variável, já que a linguagem, em incessante transformação, nunca é pura” (ANTELO, 1998, p. 16).

Ainda segundo o autor, “é lícito pensar que a construção da nação corre paralela à construção de uma tradição, não é menos lícito afirmar o contrário: a radical impossibilidade de tomar as idéias de nação e ficção como dados definidos *a priori* e livres de controvérsia” (ANTELO, 1998, p. 11). Neste sentido, os campos do nacional e da literatura não conhecem fronteiras definidas com precisão.

Hobsbawm (2013), em seu livro *Nações e Nacionalismo*, concorda com a visão de Anderson ao afirmar que:

[...] A nação moderna é uma “comunidade imaginada”, na útil frase de Benedict Anderson, e não há dúvida de que pode preencher o vazio emocional causado pelo declínio ou desintegração, ou a inexistência de redes de relações ou comunidades humanas *reais*; mas o problema permanece na questão de por que as pessoas tendo perdido suas comunidades reais, desejam imaginar esse tipo particular de substituição (HOBSBAWM, 2013, p. 69).

Por outro lado, diferente de Benedict Anderson, para Hobsbawm é preciso discutir em primeiro lugar a concepção da questão nacional antes do conceito de nação, visto que os Estados e os nacionalismos é que formam as nações e não o contrário. O autor defende que as nações são constituídas a partir do momento em que os Estados se constituem economicamente, e o nacionalismo só existe como tal quando o Estado é independente.

Neste sentido, Sá (2010, p. 175) afirma que “[...] o Estado apareceu como um conjunto de práticas sociais entre agentes, instituições e poderes que, a partir das dinâmicas intra e inter-Estados, articulam indivíduos e grupos que se encontram conectados e territorializados durante os tempos”. A autora ainda salienta que “[...] pode, sim, existir uma ‘minoría agitadora’, antes da criação de um Estado, porém o recrutamento da ‘massa de apoio’ para o sentimento de nacionalidade exige a existência de um Estado”.

Mas a formação do Estado Nacional acontece como processo político a partir do século XVIII. Os movimentos nacionalistas na Europa aconteceram entre 1820 e 1920 e seu início combinou com o fim desses movimentos na América. Desta maneira, segundo Anderson, “[...] a ‘nação’ foi uma invenção sem patente, e seria impossível registrá-la. Pôde ser copiada por mãos muito diversas, e às vezes inesperadas” (ANDERSON, 2008, p. 107). Muitas vezes esses Estados alcançavam sua expansão por meio de guerras com territórios vizinhos. Anderson ainda salienta que o que difere nas grandes lutas do século XX não é, prioritariamente, o número de pessoas mortas em guerra e sim o grande número de pessoas dispostas a morrer por ela. Assim, “[...] morrer pela pátria, a qual geralmente não se escolhe, assume uma grandeza moral que não se pode comparar a morrer pelo Partido Trabalhista, pela Associação Médica Americana ou talvez até pela Anistia Internacional, pois essas são entidades nas quais se pode ingressar à vontade” (ANDERSON, 2008, p. 202).

Anderson (2008, p. 203) ainda se apropria do exemplo dos hinos nacionais para afirmar que “existe um tipo específico de comunidade contemporânea que apenas a língua é capaz de sugerir – sobretudo na forma de poemas e canções”. Desta maneira, por mais singela e ou banal que sejam letra e melodia, há “uma experiência de simultaneidade”, pois são nessas

situações que pessoas desconhecidas “pronunciam os mesmos versos seguindo a mesma música”. Conforme o autor, no momento em que a canção é cantada, longe ou perto dos ouvidos, não conhecemos, nem sabemos onde se encontram todos que estão cantando da mesma forma e no mesmo momento. Deste modo, Anderson afirma que “nada nos liga, a não ser o som imaginado” (2008, p. 204).

Para Hobsbawm (2013), o fenômeno do nacionalismo, durante o século XIX, era marcado como o principal veículo do desenvolvimento histórico, pois a relação Estado-nação e economia nacional contribuiu para este fator de transformação. Desta maneira, para o autor todos os Estados-nações que surgiram foram tipicamente emancipatórios e unificados. Hobsbawm usa o termo nacionalismo da mesma maneira que Gellner, no entanto o autor chama a atenção para a recepção do nacionalismo por parte dos cidadãos, isto é, como as pessoas veem a nação.

Se eu tenho uma crítica séria ao trabalho de Gellner, é sobre sua preferência pela perspectiva da modernização pelo alto, o que torna difícil uma atenção adequada à visão dos de baixo. Essa visão de baixo, isto é, a nação vista não por governos, porta-vozes ou ativistas dos movimentos nacionalistas (ou não nacionalistas), mas sim pelas pessoas comuns que são o objeto de sua ação e propaganda, é extremamente difícil de ser descoberta (HOBSBAWM, 2013, p. 19-20).

Assim, para Hobsbawm a maior influência sobre a vida política pelos movimentos nacionalistas foi uma consequência das tentativas das classes de pessoas comuns de espalharem a ideia nacional através da valorização e difusão de línguas vernáculas oficiais capazes de assegurar a identificação da nação com a língua. O aparecimento de nacionalismos linguísticos está ligado às mudanças sociais e políticas que geravam assim as condições necessárias para pensar a nação como uma comunidade imaginada.

4.2 BREVE HISTÓRICO DE ANGOLA

Angola foi colônia de Portugal e viveu durante quase três décadas em guerra civil. Localizada no sudoeste da África, faz parte da *Comunidade dos Países de Língua Portuguesa*.

A maior parte dos habitantes deste país é negra e de origem *banta* (populações da África, ao sul do equador, que falam línguas da mesma família, mas pertencem a tipos étnicos muito diversos), destacando-se os *quimbundos*, os *bacongós*, os *ovimbundo*, entre outros.

Segundo o Almanaque Abril (2008), Angola apresenta baixos indicadores sociais, pois a metade da população não é alfabetizada e os angolanos vivem em média até os 40 anos.

Dentre os grupos bantos que ocuparam a região sul e leste da África, o reino do Congo obteve destaque, pois recebia tributos das províncias para manter sua soberania. Assim, surgia a centralização de um poder nas mãos de um chefe guerreiro que se tornava respeitado pela comunidade devido a sua força e poder econômico.

De acordo com Viterbo, “o reino do Congo, constituído por volta de 1400, se restringia ao norte do território que hoje é ocupado por Angola. Junto a ele, observamos outros como o reino de Ndondo, cujo rei tinha o título de Ngola, palavra que dá origem ao nome da pátria de Agualusa (VITERBO, 2012, p.14).

Os portugueses, que ocuparam a costa ocidental da África, aportaram em 1482 na foz do rio do Congo. Atraídos pelas histórias de minas de ouro e de prata em território africano, os portugueses buscaram o domínio do reino de N’Angola. Inicialmente, de modo pacífico, por meio de missões de evangelização e relações mercantis, os navegadores tentaram dominar a região.

Conforme Bach, depois de fracassadas tentativas de dominação política e territorial,

Em 1575, Novais chegou a Luanda trazendo 400 homens que estabeleceram o primeiro núcleo de colonização portuguesa nesse território. A partir disso as relações entre portugueses e angolanos foram estabelecidas por meio das armas. O comércio de escravos se intensificou e criou uma rede de intrincadas relações entre o colonizador português e o colonizado. Num primeiro momento, houve uma fixação de postos de comandos no litoral, mas a intensificação do comércio de escravos trouxe a necessidade de expandir o domínio português para o interior (BACH, 2015, p. 20).

No que diz respeito à questão política, em 1961 começou a luta armada pela independência de Angola. Tendo Portugal deixado o território angolano sem deixar o comando do país a um dos grupos que brigavam pela independência de Angola, origina-se um conflito entre a *União Nacional para a Independência Total de Angola* (UNITA), a *Frente Nacional para a Libertação de Angola* (FNLA) e o *Movimento Popular de Libertação de Angola* (MPLA).

Estes três grandes grupos expressaram diferentes pontos de vista étnicos e ideológicos: o *Movimento Popular de Libertação de Angola*, marxista, com o predomínio da etnia quimbundo e apoiado pela União Soviética; a *Frente Nacional para Libertação de Angola*, composta pela etnia bacongo e sustentada pelos Estados Unidos; e a *União Nacional*

para a Independência Total de Angola, com predominância da etnia ovimbundo, anticomunista e apoiada pelo sistema sul-africano de apartheid.

O Almanaque Abril aponta que,

Com a queda do regime salazarista em Portugal (1974) e a decisão de tornar Angola independente, a rivalidade entre esses movimentos se agrava. O Acordo de Alvor, firmado em janeiro de 1975 entre Portugal e os três grupos, prevê um governo de transição. O acordo fracassa, e a guerra civil começa quando Agostinho Neto, líder do MPLA, é proclamado unilateralmente presidente da República Popular de Angola, de regime socialista (REVISTA ABRIL, 2008, p. 393).

O MPLA se manteve no comando, mas as lutas armadas continuaram. A guerra civil angolana, que destruiu grande parte do país por muitos anos, foi financiada durante a Guerra Fria pelas duas potências: EUA e URSS. Esses países aumentaram os conflitos em Angola, pois enviavam armamentos e exércitos para as lutas. Assim, a guerra civil em Angola foi alimentada pelo conflito de poder que ocorria entre EUA e URSS. Com o fim da Guerra Fria, os conflitos em Angola cessariam.

Os Acordos de Paz de Bicesse foram assinados por MPLA, UNITA, URSS e EUA, em 31 de maio de 1991, sob a mediação de Portugal. Esses acordos estabeleciam um cessar-fogo em Angola e a permissão para que uma missão de paz da ONU supervisionasse a retirada das tropas cubanas do país. Instaurada a paz, foi possível iniciar os preparativos para as eleições presidenciais. No entanto, pouco tempo durou a paz em Angola, uma vez que as tropas que deveriam ser retiradas, conforme prescrevia os documentos assinados, não foram, e tanto o MPLA e a UNITA mantiveram seus exércitos em prontidão, aguardando o resultado das eleições (BACH, 2015, p. 27).

José Eduardo dos Santos, do MPLA, vence as eleições, mas o resultado foi questionado pela UNITA. Assim, novamente, reiniciavam-se os conflitos armados que só tiveram fim no ano de 2002. O final da guerra civil em Angola deixou o país pobre economicamente e uma nação marcada por memórias de lutas, mortes, sofrimentos e incansáveis conflitos.

Hoje, Angola tem suas atividades econômicas relacionadas à produção primária, com destaque na produção de café, cana-de-açúcar, milho, entre outros. No entanto, após décadas de guerra civil e pouco tempo de paz, os angolanos enfrentam problemas de cunho social, visto que é um país com altos índices de pobreza.

4.2.1 Agualusa e Nação Crioula

José Eduardo Agualusa é filho de mãe brasileira e pai português. Nasceu em Huambo-Angola, no dia 13 de dezembro de 1960, e é considerado um dos escritores de maior representação da literatura africana em língua portuguesa. Estudou silvicultura, agronomia e jornalismo em Lisboa-Portugal, mas seguiu o caminho da literatura. O livro *Nação Crioula* foi escrito através de uma bolsa de iniciação literária concedida pelo Centro Nacional de Cultura em 1997.

Agualusa tem suas obras publicadas e traduzidas em vários países. Seus livros, de modo geral, estão relacionados às questões de cunho histórico e social de Angola. Suas narrativas demonstram um diálogo com a história, denotando um olhar muito atento ao passado que vive na memória de seu povo.

Atualmente escreve crônicas para a revista portuguesa *LER* e tem um programa de rádio na *RDP África* chamado *A hora das cigarras* onde fala sobre música e poesia africana. Além disso, escreve para o jornal angolano *A Capital* e é membro da União dos Escritores Angolanos. Suas principais obras são: *Estação das chuvas* (1996), *Nação Crioula* (1997), *O vendedor de passados* (2004), *As mulheres do meu pai* (2007) e *A Rainha Ginga* (2015). Além de romances, José Eduardo Agualusa escreve também poemas, contos e peças para teatro.

Em entrevista ao jornalista Ubiratan Brasil, para o jornal *Agência Estado*, José Eduardo Agualusa explicou que o livro *Nação Crioula*

Pretende ser uma homenagem a Eça de Queiroz, que foi quem me conduziu à literatura, isto é, foi a minha primeira grande paixão literária. A idéia ocorreu-me numa ocasião em que, viajando pelo Nordeste do Brasil, comprei uma edição antiga de "A Correspondência de Fradique Mendes". Logo nas primeiras páginas, Eça explica ter conhecido Fradique Mendes depois de este ter regressado de uma prolongada viagem pela África Austral, mas não acrescenta nada sobre essa aventura. Na mesma época, eu andava muito entusiasmado com uma referência que encontrara, no diário de viagem de um médico inglês, a uma tal dona Anna Ubertali, que tendo chegado a Luanda como escrava veio a ser uma das pessoas mais ricas do país enquanto escravocrata. Juntei uma coisa à outra e deu a "Nação Crioula" (AGÊNCIA ESTADO, 2007).

A obra *Nação Crioula* foi lançada em 1997. Trata-se de um romance epistolar em que narra a história amorosa de Carlos Fradique Mendes – personagem retirada do livro *A correspondência de Fradique Mendes*, de Eça de Queiroz – e Ana Olímpia Vaz de Caminha,

ex-escrava angolana que se torna rica e poderosa em um país que ainda vivia sob o período colonial.

Fradique, no livro de Agualusa, era um escritor português que viajou para Luanda-Angola em 1868. O tema central do livro é a escravidão que embora tenha sido abolida em 1836, ainda era um negócio lucrativo, pois os negros continuavam a ser enviados para o Brasil.

A trama se desenvolve entre 1868 a 1900 e é contada através de vinte e seis epístolas, sendo que destas, vinte e cinco são assinadas por Fradique Mendes e endereçadas a sua madrinha, Madame de Jouarre; Ana Olímpia e Eça de Queiroz. E a última carta foi assinada por Ana Olímpia e destinada a Eça de Queiroz. É por meio dessas correspondências que conhecemos os lugares por onde o fidalgo viajou – Portugal, Angola e Brasil – bem como os fatos que ele presenciou e as personagens com as quais teve contato.

Em seu livro, Agualusa mistura personalidades reais e fictícias. As missivas de *Nação Crioula* nos apresentam a chegada de Fradique em Angola, o momento em que se apaixona por Ana e a sua partida para o Brasil, entre outras coisas. O título que dá nome a obra refere-se ao último navio negreiro que atravessou o oceano Atlântico levando os últimos escravos do trajeto Angola – Brasil. No entanto, além dos escravos, a embarcação transportou, clandestinamente, Fradique Mendes e sua amada Ana Olímpia, que partiu fugida por ter se tornado escrava novamente.

Ana Olímpia era uma jovem que nasceu escrava, porém torna-se uma rica e poderosa senhora após se casar com Victorino Vaz de Caminha, colono português proprietário de muitas terras. Após a morte do marido, Ana é cortejada por Fradique. No entanto, Jesuíno, irmão do marido falecido, ao retornar de uma viagem, toma a herança da jovem e a faz voltar à condição de escrava, visto que ela, por descuido do marido, não tinha recebido a carta de alforria. Entretanto, Fradique Mendes oferece liberdade à amada quando a convida para fugir ao Brasil.

Em 1888, Fradique Mendes falece e Ana Olímpia, sentindo-se sozinha em terras brasileiras (no interior da Bahia, especificamente), decide regressar a Angola na companhia da menina Sophia, a filha do casal.

5 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, apresentamos o percurso metodológico e a técnica utilizada para a análise, almejando atingir os objetivos estabelecidos e responder aos questionamentos deste trabalho.

A metodologia desenvolvida nesta pesquisa tem como suporte a pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa. Segundo Rauen, define-se por pesquisa bibliográfica “o levantamento, a leitura, o fechamento, a análise e a interpretação de informações manuscritas ou digitalizadas, obteníveis de livros, periódicos e demais artefatos culturais, físicos ou eletrônicos, passíveis de formarem bibliografia sobre um determinado assunto e de serem depositados em uma biblioteca real ou virtual para fins de consulta” (2015, p. 169).

A abordagem qualitativa é basicamente aquela que procura entender um fenômeno específico em profundidade. Ela não admite que regras ou números sejam analisados e observados como verdade absoluta, porque há crenças e valores que, embora sejam estudados, não podem ser quantificados.

Deste modo, uma pesquisa acadêmica tem a necessidade, em algum momento, da realização de pesquisa bibliográfica, pois é por meio desse tipo de investigação que o pesquisador tem contato com o que já foi publicado, além do suporte teórico de estudiosos relevantes para o tema estudado.

Diante da escolha do objeto a ser analisado nesta pesquisa, o trabalho proposto se identifica como estudo de caso. Conforme Rauen, “por estudo de caso define-se uma análise profunda e exaustiva de um ou de poucos objetos, de modo a permitir o seu amplo e detalhado conhecimento” (2015, p. 559).

Define-se essa investigação como qualitativa, pois há a necessidade de avaliar as situações que nos direcionam para os questionamentos levantados no romance de José Eduardo Agualusa. De acordo com Rauen, “numa pesquisa de caráter qualitativo, há de se considerar que há um vínculo dinâmico entre sujeitos e realidade que não se traduz em números ou estatísticas, mas a partir da interpretação e da atribuição processual e indutivamente descritiva de significados” (2015, p. 531).

Isso quer dizer que a medida do que se busca como verdadeiro em abordagem qualitativa é diferente daquilo que se alcança na quantitativa, porque é necessário aceitar “vontades e valores de pesquisadores e de sujeitos de pesquisa” (RAUEN, 2015, p. 531).

Rauen ainda salienta que há diferenças significativas entre as abordagens quantitativa e qualitativa, pois entre elas

pesquisadores quantitativos, preocupados com a generalização, procuram diferenças numéricas entre dois grupos de pessoas que diferem sob algum aspecto. Na pesquisa qualitativa, não se quer provar a existência de relações particulares entre variáveis. [...] Na pesquisa quantitativa, os dados coletados são ajustados às variáveis enfocadas, e dados que extrapolem esta realidade são indesejáveis. Na pesquisa qualitativa, dados novos e inesperados são justamente bem-vindos e encorajados (2015, p. 532)

Do ponto de vista metodológico de nossa pesquisa, o suporte para a análise da obra *Nação Crioula*, de José Eduardo Agualusa, vem dos estudos da teoria literária desenvolvidos por Massaud Moisés.

Conforme Moisés (1981, p. 20), “a análise literária pressupõe sempre uma teoria da Literatura, porquanto sem ela conduz a nada, ou a superficialidades”. Isso implica dizer que fazer uma análise literária, o analista deve estar munido de boa fundamentação filosófica e metodológica. Pois a análise deve ser inteira e total, e o analista deve aceitar os elementos textuais que compõe a obra, porque conforme Moisés (1981, p. 34), “uma análise literária que se pretenda completa e profunda acaba apelando para aspectos externos e o próprio texto é que determina o caminho a tomar”.

Como o referencial teórico de nossa pesquisa fundamenta-se na teoria literária, conforme já mencionado, abordamos por meio dela, os conceitos de macroanálise e microanálise de Massaud Moisés. De acordo com autor citado, a primeira análise tem como objetivo fazer uma sondagem dinâmica e total do que está em torno e dentro das microestruturas, apresenta-se por sua “verticalidade, pois anela investigar a esfera dos conceitos, sentimentos e emoções que subjaz ao plano das microestruturas” (MOISÉS, 1981, p. 87).

A macroanálise trata-se dos elementos intertextuais, que compõem o contexto e a estrutura de todo o romance em questão, as características que a embasam com a literatura comparada relacionada a um contexto histórico. Ela objetiva o todo, isto é, o texto em sua totalidade; uma visão totalizante que envolve os elementos da microestrutura que constitui a estrutura da narrativa.

A microanálise aborda os elementos intratextuais, ou seja, os elementos que constituem a narrativa. Tem como característica analisar o texto expressão a expressão, palavra a palavra, possibilitando realizar esse tipo de análise em dois planos:

1) em que a análise se contenta com o pormenor, quase olvidando por completo o conjunto da obra, e 2) em que a análise “sobe” para a consideração particularizada dos ingredientes da prosa de ficção, ou seja, as personagens, o tempo, o lugar, a ação, o ponto de vista narrativo, os ingredientes de linguagem (o diálogo, a descrição, a narração e a dissertação) (MOISÉS, 1981, p. 86)

Assim, a análise literária abrange um caminho significativo de ideias e implica diferentes pressupostos, pois é possivelmente uma primeira tentativa de sistematização e esclarecimentos. A análise que apresentamos tem como apoio teórico o método de micro e macroanálise, pois entendemos que em relação à aplicação de estudo de caso, o romance será analisado, conforme mencionado anteriormente, a partir de suas microestruturas: como as características das personagens, tempo e espaço. O enredo, levando em consideração a sua macroestrutura, será observado a sua intertextualidade, historicidade, semelhanças e diferenças.

6 ENTREMEIOS EM NAÇÃO CRIOULA

Quando fazemos a análise da estrutura da narrativa de uma obra, certamente muitas coisas despertam a nossa atenção e curiosidade. Para isto, precisamos levar em consideração aquilo que seja mais essencial para nossa investigação. Neste capítulo de análise, buscamos os aspectos que se encaixaram com os objetivos que a pesquisa se propôs.

Em *Nação Crioula*, o tema central tem relação com o tráfico de escravos que ligava Portugal, Angola e Brasil. Durante o século XIX, Portugal precisava permanecer em terras angolanas, pois muitos Estados colonialistas, como França e Inglaterra, por exemplo, ameaçavam sua hegemonia em terras africanas. Deste modo, os fatos históricos, que serviram de apoio para que o enredo fosse construído através de Carlos Fradique Mendes, foram apresentados em uma nova versão a partir do olhar desta personagem que foi inserida em um novo contexto.

Agualusa constrói seu romance lançando o olhar ao passado e assim, sua obra reflete questões pertinentes ao período em que a personagem Fradique Mendes passou por terras africanas. O tempo e o lugar estão bem caracterizados na narrativa, pois ao voltar ao passado de um povo que viveu sob o domínio português, torna-se importante e significativa para a narrativa e todo o seu contexto histórico ao evidenciar a visão e a perspectiva de um viajante português em terras colonizadas por Portugal. Assim, o enredo nos mostra como é marcada a sociedade angolana e como as pessoas se relacionam e convivem com o domínio e o poder dos senhores de escravos da época.

A obra em análise coloca em relevo a questão do período da colonização portuguesa na África e no Brasil e tudo o que tinha relação a ela: tráfico de escravos, domínio territorial, imposição cultural e linguística, a partir de uma outra perspectiva. Em entrevista ao *Jornal Agência Estado*, José Agualusa afirma que

o livro não é apenas uma crítica ao sistema colonial, ou à escravatura – o que seria tão tolo quanto espancar um cadáver – , o livro pretende ser sobretudo uma crítica irônica à atual sociedade angolana, que em muitos aspectos é herdeira direta da sociedade escravocrata. Em Angola, muitos leitores reconheceram certos personagens e situações. O livro abriu uma polêmica sobre a questão da criouldade e do seu alcance em Angola (ANGÊNCIA ESTADO, 2007).

Desta forma, o autor reconta fatos que ocorreram no passado por países que viveram/presenciaram o período colonialista, pois segundo ele “só é possível compreender o presente angolano compreendendo o passado. Tal como o Brasil, Angola mantém ainda

muitas distorções que resultam diretamente do seu passado escravocrata” (ANGÊNCIA ESTADO, 07/03/2007).

O enredo principal do romance é o amor vivido por Carlos Fradique Mendes e Ana Olímpia, que foi escrava, depois dona de grande fortuna e de escravos, mas com o falecimento do marido, Arcénio Pompílio Pompeu de Carpo, volta à condição de escrava. É nesse período em que a colônia está sob as mãos de Portugal e, em que Angola busca por melhores dias, sem escravidão e tráfico de escravos, sem fome e pobreza.

A narrativa se passa entre 1868 e 1900 e apresenta vinte e seis epístolas que são destinadas a três pessoas: dez a Madame de Jouarre, seis a Eça de Queiroz e nove a Ana Olímpia. O tempo cronológico das epístolas somam trinta e dois anos divididos em: 1868 (três cartas), 1872 (cinco cartas), 1876 (cinco cartas), 1877 (nove cartas), 1878 (duas cartas), 1888 (uma carta) e 1900 (uma carta). É por meio dessas cartas que o enredo se constrói, mas somente a última carta não foi escrita por Fradique Mendes, pois este já havia falecido; Ana Olímpia é quem escreve a carta e destina a Eça de Queiroz. Enviada em agosto de 1900, a data desta carta explicaria, na lógica do livro, o motivo dessas correspondências de Fradique terem permanecido inéditas. Nessa carta, Ana envia para relatar a sua história de vida e dizer que concorda em Eça publicar as correspondências de Fradique, que segundo ela devem ser de conhecimento da humanidade, assim relata:

As suas cartas podem ser lidas como os capítulos de um inesgotável romance, ou de vários romances, e, nessa perspectiva, são pertença da humanidade. Aquelas que agora lhe envio, recolhidas entre as muitas que Fradique me escreveu ao longo de vinte anos (e às quais junto outras dirigidas a Madame de Jouarre e que ela recentemente me ofereceu), contam uma história que talvez a si, e aos leitores europeus, parece um tanto extraordinária. Não é a história da minha vida. É a história da vida contada por Fradique Mendes (AGUALUSA, 2011, p. 170)

Cabe-nos salientar que a obra é narrada em primeira pessoa através do olhar de Carlos Fradique Mendes. Desta maneira, sabemos exatamente o mesmo que o narrador-personagem. Ao observarmos o desenvolver da história, conforme as missivas são escritas e destinadas, a personagem Fradique relata o que vivencia e presencia naquele momento, sem nos antecipar os fatos. Como exemplo temos a carta da personagem destina à Ana Olímpia, ao descobrir sobre a situação de sua amada naquele momento, ao ser vendida como escrava por Jesuíno à Gabriela Santamarinha:

Recebi esta manhã uma carta do velho Arcénio de Carpo expondo a terrível situação em que te encontras. A carta, infelizmente, chegou-me às mãos muito atrasada, pois Smith remeteu-a inicialmente para Coimbra, onde estive alguns dias restaurando afetos e raízes; quando chegou já eu tinha partido, e os correios devolveram-na à

procedência. Assim, não sei onde te encontras nem qual o teu estado, mas se estás a ler este bilhete, que enviei ao cuidado do jovem Arcénio, é porque alguma coisa pode ainda ser feita. Embarco dentro de duas semanas para Luanda, e vou preparado para tudo. Não preciso de te pedir coragem porque sei que a tens de sobra (AGUALUSA, 2011, p. 55).

Nação Crioula é o terceiro romance de José Eduardo Agualusa, e seu título faz referência ao último navio negreiro que trouxe escravos de Angola para o Brasil, o navio *Nação Crioula*. Este, cheio de escravos para Porto de Galinhas em Pernambuco, transportou também Fradique e Ana que fugiam para uma nova vida. Na obra, Agualusa utiliza-se da história de sua nação para (re)contar, questionar ou contestar aspectos culturais, sociais e políticos do passado a partir de um olhar crítico. Desta forma, esse novo olhar se dá em relação a estes aspectos apresentados na África colonizada, em Portugal colonizador e no Brasil, também colonizado, o país que compõe a tríade dos espaços pelo qual a personagem Carlos Fradique Mendes circulou.

No romance: “Chama-se Nação crioula o brigue de Arcénio de Carpo. Diz ele, para me consolar, que o Nação Crioula é muito possivelmente o último navio negreiro da História. Parece-me um duvidoso privilégio este de viajar no último navio negreiro, mas, enfim, é realmente verdade que não temos escolha” (AGUSALUSA, 2011, p. 79).

Os escravos trazidos de Angola para o Brasil eram transportados nos porões dos navios negreiros. Devido à péssima condição deste meio de transporte, muitos escravos morreram durante a passagem pelo oceano Atlântico. Ao desembarcarem no Brasil, os negros eram expostos como mercadorias e negociados aos senhores de engenho e fazendeiros. Nesta época, a economia brasileira vigente contava principalmente com o trabalho escravo para a realização das atividades nas fazendas e minas.

Portugal foi o primeiro país europeu a realizar o comércio de escravos vindos da África. Isso aconteceu porque este país dominou muitas regiões do litoral africano, “onde fundaram feitorias durante o século XVI” (COTRIM, 1999, p. 83). Foi a partir deste momento que o tráfico de escravos se expandiu, compondo um comércio que ligava África, Europa e América.

Diante deste fato histórico, José Eduardo Agualusa coloca em cena um narrador-personagem para nos mostrar sua história, por meio de uma seleção de missivas de sua autoria, com o intuito de se fazer entender e conhecer aquela que pode ser denominada, como o subtítulo da obra sugere, de correspondência secreta. Desta maneira, Carlos Fradique Mendes imprime o que experiencia, o que sente naquele momento e assim acompanhamos a trama através da sua perspectiva, do relato dos fatos com os quais está envolvido.

O desejo de viajar e conhecer novos lugares e culturas distintas faz com que a personagem Fradique Mendes revele os segredos de Angola e mostre os detalhes e as características desta terra, até então desconhecida. A primeira carta destinada a Madame de Jouarre, datada em maio de 1868, mostra o olhar do viajante ao chegar em uma das colônias de Portugal e se deparar com maneiras de viver distintas da sua. Nesta carta, Fradique tece suas primeiras sensações sobre Luanda, local de embarcação de escravos exportados para o Brasil. Como um aventureiro curioso e interessado, ele descreve as características de Luanda com um olhar atento e assustado, pois o que o toma é uma mistura de cores e odores que registram o diferente espaço observado pela personagem.

Desembarquei ontem em Luanda às costas de dois marinheiros cabindanos. Atirado para a praia, molhado e humilhado, logo ali me assaltou o sentimento inquietante de que havia deixado para trás o próprio mundo. Respirei o ar quente e húmido, cheirando a frutas e a cana-de-açúcar, e pouco a pouco comecei a perceber um outro odor, mais sutil, melancólico, como de um corpo em decomposição. É a este cheiro, creio, que todos os viajantes se referem quando falam de África (AGUALUSA, 2011, p. 11)

Nessa carta, um olhar idílico, sinestésico, vai dando lugar ao olhar preconceituoso em relação aos países africanos. O viajante não desconstrói imediatamente a impressão positiva sobre o lugar que acaba de conhecer. Nessa primeira carta, com a chegada de Fradique a Luanda, temos a referência do colonizador que tece um olhar europeu sobre um lugar desconhecido. A visão de estereótipos de um povo que tem de servir e o outro que tem de ser servido pertence à formação ideológica sobre o imperialismo e o colonialismo que Edward Said sustenta em seu livro *Orientalismo* (1990). Said salienta que

O conhecimento apropriado do Oriente começava por um completo estudo dos textos clássicos e só depois passava a aplicação desses textos ao Oriente moderno. Em face da óbvia decrepitude e impotência política do oriental moderno, o orientalista europeu considerava como dever dele resgatar uma parte de uma perdida grandeza clássica do passado oriental, de maneira a facilitar os melhoramentos no Oriente do presente. O que o europeu tomava do passado clássico oriental era uma visão (e milhares de fatos e artefatos) que apenas ele podia empregar com maior vantagem; para o oriental moderno ele dava facilidades e melhoramentos – e, também, o benefício do seu julgamento sobre o que era melhor para o Oriente moderno (SAID, 1990, p. 88).

Na segunda epístola do romance, também destinada a Madame de Jouarre, a personagem expressa um sentimento de estar ausente do resto do mundo, enquanto Smith o mantém informado com as notícias de Luanda, recolhidas de seu contato com os outros criados:

Neste convívio recolhe o noticiário da cidade e assim também em Angola posso, todas as manhãs, “ler o Smith”. Ignoro é verdade, o preço exato do ouro na bolsa de Londres, desconheço o destino de Livingstone e nem sequer consigo acompanhar as intrigas da corte. Em contrapartida sei que os ratos assados continuam a vender-se muito bem nos mercados de Luanda, a quinze réis a dúzia, enfiados pela barriga em espetos de pau, e que tem havido distúrbios no Sumbe e no Congo (AGUALUSA, 2011, p. 17).

Nesta carta, Fradique apresentava o olhar do europeu, da metrópole “civilizada” em relação ao país colonizado. As notícias a que tinha contato eram diferentes do cotidiano que costumava seguir e que lhe despertava atenção, como as intrigas da corte ou o valor do ouro. Desta maneira, torna-se uma personagem irônica e tece seu olhar de modo crítico, mas com o passar do tempo, Fradique não estranha mais o país em que visita e passa a se envolver com os problemas da sociedade angolana. Quando ele conhece Ana Olímpia se inicia a sua aproximação com o lugar que lhe causava estranheza. Assim, ele vai descobrindo e conhecendo outro mundo, sua gente, suas tradições e costumes, suas lutas e misérias, além de refletir sobre a situação da escravidão que ainda se faz presente ao final do século XIX.

Nesse romance, Agualusa coloca em destaque personagens históricos como Luis Gama e José do Patrocínio, participantes do movimento abolicionista, e Arcênio Pompílio Pompeu de Carpo, rico comerciante de escravos na Angola, estas personagens interagem com Fradique Mendes durante a trama. As personagens e as histórias do romance circulavam pela Angola, Brasil, Portugal e França. Assim, ao incluir personagens reais ao lado das ficcionais, o autor proporciona verossimilhança à história, recorrendo aos fatos e acontecimentos históricos para a construção de sua narrativa.

Em toda obra, não temos acesso às cartas-respostas que a personagem talvez tenha recebido, assim seguimos o enredo apenas pelo olhar do protagonista. O que fica evidenciado é que as cartas escritas por Fradique estão em ordem cronológica de cartas-respostas que observamos através das datas das epístolas. Como exemplo temos o intervalo que há entre duas missivas destinadas à Ana Olímpia, enviadas em dezembro de 1872 e janeiro de 1873, remetidas de Paris com o tempo aproximado de um mês entre ambas. Neste período podemos subentender nas entrelinhas a presença de uma carta-resposta, tendo como pressuposta no início da segunda carta: “Enquanto lia tua carta pensava que a podia ter escrito eu próprio há alguns anos atrás, quando era ainda muito jovem e acreditava conhecer tudo sobre as paixões da alma” (AGUALUSA, 2011, p. 53). Percebe-se que há um diálogo que se constrói a partir da relação e da ligação em que as vozes se encontram/entrecruzam, afirmando o que Bakhtin conceitua como polifonia para a construção de um discurso, em que o sujeito se constitui quando escuta e assimila as palavras e os discursos do outro, fazendo com que essas palavras

e discursos se transformem, em parte, as palavras do sujeito e, em outra, as palavras do outro. Logo, o discurso se constrói a partir da relação do que é seu e daquilo que é do outro.

Desta maneira, o modo como a narrativa se constrói, permite-nos inferir que a pessoa que recebe a carta tenha tempo necessário para pensar sobre determinada questão e construir sua resposta. É o que também se exemplifica na missiva de Ana Olímpia a Eça de Queiroz (carta que encerra o romance). Nesta carta, Ana responde à solicitação de Eça sobre a possibilidade de este publicar as correspondências de Fradique como forma de homenageá-lo devido a sua morte. A angolana, na época em que supostamente recebeu a carta, não concordou com tal pedido, mas ao rever as correspondências, tempos mais tarde, achou justa a proposta de Eça, enviando mais algumas missivas para integrar à coleção: “Passaram-se anos, envelheci, voltei a ler aqueles jornais antigos, reli as cartas que Carlos me escreveu, e pouco a pouco comecei a compreender que v. tinha razão. Fradique não nos pertence, a nós que o amámos, da mesma forma que o céu não pertence às aves” (AGUALUSA, 2011, p. 170).

Logo, além do tempo utilizado para uma possível carta-resposta, notamos o tempo de deslocamento dos meios, que naquela época, conduziam as cartas; em *Nação Crioula*, na carta destinada à Madame de Jouarre, percebemos que foi por meio do Oceano que as cartas chegavam aos seus destinatários.

Presumo que tenha recebido a carta que lhe enviei de Novo Redondo, e assim já sabe por que me encontro aqui. Sentado nesta mesa vejo o casario muito branco, os palacetes coloniais, as igrejas barrocas e as palmeiras altas ondular pelos morros em direção ao abismo. Novo Redondo fica do outro lado dessa vasta escuridão, a vinte e cinco dias de barco, três mil e quinhentas milhas, quase mesmo paralelo em que o fidalgo português Duarte Coelho Pereira mandou erguer Olinda três séculos atrás.

Naquele período as cartas eram a única forma de manter contato com aqueles que estavam distantes. E assim foi o modo que Fradique manteve contato com seus interlocutores por muitos anos, pois estava sempre em constante migração entre Angola, Portugal, França e Brasil. O tempo do romance se passa a partir de maio de 1868, data da primeira epístola de Fradique, até agosto de 1900, sendo esta data retrata a última carta (enviada por Ana Olímpia a Eça de Queiroz).

No que toca a questão do tempo que predomina a narrativa, em *Nação Crioula* o tempo, como mencionamos anteriormente, é cronológico, pois a história acompanha a ordem de acontecimentos dos fatos e todas as epístolas possuem data e local de origem. Somente a última carta de Ana Olímpia a Eça de Queiroz o tempo é psicológico, porque nesta missiva, ela narra sua história e retrata seu olhar sobre os acontecimentos, assim como também fala acerca de Fradique Mendes, sobre como o conheceu e seu envolvimento com ele: “Vi Carlos

Fradique Mendes, pela primeira vez, numa tarde sombria de maio, em 1868, no cais de Luanda. Eu completava havia pouco dezoito anos e só conhecia o mundo pelos livros” (AGUALUSA, 2011, p.170). É nesta carta que a voz de Ana aparece no romance, pois somos apresentados a uma visão externa sobre Fradique. A última carta apresenta uma linguagem mais formal, como observamos no início: “Carta da senhora Ana Olímpia, comerciante em Angola, ao escritor português Eça de Queiroz” (AGUALUSA, 2011, p.169).

Sobre este primeiro encontro, Ana tece uma pequena descrição de Fradique Mendes, que chegava de Lisboa no mesmo navio que seu marido Victorino Vaz de Caminha: “[...] de repente chamou-me a atenção a figura de um velho de cabeleira branca rosto muito vermelho, enfiado num casaco de abas curtas com umas calças de xadrez verde e preto e sapatos de verniz. Ao lado dele estava um homem alto, elegante de bigode curvo, vestido inteiramente de linho branco” (AGUALUSA, 2011, p.171). Entretanto, o primeiro contato direto entre Ana e Fradique aconteceu em um Baile do Governador.

Na mesma carta, em outros momentos, Ana Olímpia descreve sobre a personalidade de Fradique, como quando ele, a pedido da jovem angolana e contra a vontade do marido, foi convidado para um jantar. O viajante português, conforme Ana, aborrecia seu marido devido à facilidade e o modo de debater sobre a realidade de Angola, mesmo estando há pouco tempo no país: “Irritavam-no as opiniões definitivas de Fradique, o seu ceticismo, a facilidade com que, recém-desembarcado, já teorizava sobre todos os grandes problemas de Angola” (AGUALUSA, 2011, p. 173).

O tempo em que a personagem principal fica em Angola é registrado em doze cartas, escritas entre 1868 e 1876. Entre essas cartas, oito são remetidas entre visitas por Luanda, Benguela e Novo Redondo; as outras quatro são remetidas da Europa: duas enviadas de Paris e duas de Lisboa. Na sua maioria, são missivas destinadas a Madame de Jouarre que o protagonista relata grande parcela de suas impressões, vivências e opiniões, em que percebemos as descrições dos lugares por onde transitou e das pessoas que lá conviveu.

José Eduardo Agualusa imprime, em toda sua obra, dados históricos com ficcionais, mostrando por meio das personagens, toda a história e o contexto de uma sociedade que viveu por um longo período a escravidão. Fradique Mendes, personagem de origem portuguesa, ao chegar à cidade de Luanda convive e conhece de perto essa realidade. Embora presente em um primeiro momento uma carga de preconceitos, ele se insere no cotidiano do lugar que visita e passa a vivenciar esta realidade, principalmente ao se relacionar com Ana Olímpia que o motiva a envolver-se ainda mais com a cultura angolana.

Um viajante interessado e em busca de novos saberes, em contato com outras culturas, com o passar do tempo, demonstra um lado mais humano, principalmente com a questão da escravidão. Ao ter contato com algumas das colônias de Portugal, a personagem é colocada a uma realidade diferente da sua, a culturas e costumes diferentes do seu, e isso reflete em uma mudança de comportamento e de atitudes e, um novo olhar para compreender e entender o outro. Nesse momento, percebemos a concepção de sujeito sociológico, abordada por Stuart Hall, na personagem central, visto que em seu núcleo que é sua essência, passa a sofrer as influências do mundo exterior e das interações sociais que atravessam seu ambiente social.

Ao chegar à Luanda – Angola, Fradique é recepcionado por Arcénio de Carpo, a primeira pessoa relacionada ao sistema escravagista com quem o viajante teve contato. Descrito como “um velho alto, leve, rosto estreito, nariz adunco e olhos redondos e brilhantes” (AGUALUSA, 2011, p.12), era filho de um casal de atores ambulantes, nasceu na Madeira e é dono do hotel onde Fradique e seu criado, Smith, ficaram hospedados. Arcénio era uma das figuras mais poderosas da cidade e “até o sol lhe obedece” (AGUALUSA, 2011, p.12). Ele foi uma das figuras que existiu realmente e que foi colocado em cena por Agualusa para desenvolver o romance.

Ao relatar para Madame de Jouarre sobre a hospedagem de Arcénio de Carpo, Fradique aponta como esse senhor enriqueceu:

[...] A patente do coronel que tão orgulhosamente ostenta – coronel comandante das províncias de Bié, Bailundo e Embo (!) – não tem no entanto significado algum para além do honorífico, já que Arcénio de Carpo não é militar, nunca visitou nenhuma destas províncias, que aliás não prestam vassalagem ao governo português, e em nenhuma delas existe sequer corpo de soldados (AGUALUSA, 2011, p. 12).

Conforme Fradique vai relatando na carta destinada a Madame de Jouarre, percebemos que Arcénio de Carpo adquiriu riquezas no contrabando de escravos; ao mostrar a sua residência a Fradique, a personagem observou que o quintal do coronel era grande com habitações em que haviam cadeias de ferro e um pelourinho que Arcénio afirmou nunca ter sido utilizado. Nesta mesma carta, Fradique relata que Arcénio de Carpo acreditava que, por meio do tráfico de escravos, estaria ajudando no crescimento do Brasil.

A América inglesa está superpovoada. Todos os anos chegam milhões de agricultores europeus aos estados do interior. Assim é fácil ser humanista e gritar contra o tráfico. Mas o Brasil, onde o número de colonos europeus é muito reduzido, depende inteiramente dos escravos. Se o tráfico acabar, a agricultura brasileira entra em colapso. Ao mesmo tempo a Inglaterra pretende arruinar as elites que amanhã

poderiam governar Angola, e a prova provada de tal aleivosia é que a armada britânica não se limita a apresar e afundar os navios negreiros – tem feito o mesmo a embarcações carregadas com diversos gêneros de troca (AGUALUSA, 2011, p. 14-15).

Desta forma, para Arcénio de Carpo, a mão-de-obra escrava supriria a necessidade de trabalho na agricultura brasileira e além do mais, os ingleses organizariam um movimento emancipador para impedir que a colônia portuguesa se constituísse como uma nova potência.

O tráfico de escravos, embora tenha feito parte do capitalismo inglês durante muito tempo, naquele momento não sustentava mais seus interesses, que agora estavam voltados para um mercado europeu e mundial aberto, sem a presença de um sistema colonial, por isso a Inglaterra passou a apreender navios negreiros.

No romance, conforme Fradique Mendes, a mágoa e o ódio do velho Arcénio de Carpo pelos ingleses se deu pelo fato em que um capitão de um cruzeiro inglês apreendeu um de seus navios, o “Herói dos Mares”, cheio de escravos que seriam levados para o Brasil. O comércio de escravos era, portanto, uma das formas de obtenção de lucro do coronel.

Carlos Fradique também conhece, em sua permanência em Angola, outro comerciante de escravos: Victorino Vaz de Caminha. O viajante em carta destinada a Madame de Jouarre o descreve como “um homem notável, nascido na Bahia mas que preferiu após a independência do Brasil continuar português em terras de Angola. Alto, magro, rosto comprido, uma barba longa e selvagem, muito branca, caindo-lhe em cascata pelo peito” (AGUALUSA, 2011, p. 42).

Da mesma forma que Arcénio de Carpo, Victorino adquiriu sua fortuna por meio do tráfico de escravos. Ele era dono de três navios negreiros, nomeados ironicamente de *Liberdade*, *Igualdade* e *Fraternidade*. Para Fradique, Victorino era um “espírito excessivo e contraditório”, porque já tinha visto o negociante “defender ao mesmo tempo e com igual fervor o escravismo e a revolução libertária” (AGUALUSA, 2011, p. 42). E assim como Arcénio, sua riqueza o tornou respeitado em Luanda: “enquanto escravocrata fez grande fortuna, tornando-se respeitado no país. Enquanto anarquista assinou uma meia dúzia de panfletos anticlericais e depois se casou na Igreja de Nossa Senhora do Carmo com Ana Olímpia, que na altura tinha apenas catorze anos e era (ou tinha sido) sua escrava” (AGUALUSA, 2011, p. 42).

Assim, por meio destas personagens, o viajante português mostra e reflete as questões do tráfico de escravos e as formas que os comerciantes utilizavam para concretizar, bem como os meios de justificar tal comércio, ainda que, de alguma maneira, estes

parecessem ambíguos, como exemplos de Arcênio de Carpo que justificava estar ajudando no crescimento do Brasil.

Porém, Fradique também nos mostra personagens que se apresentam do outro lado desse sistema, como o velho Cornélio e Ana Olímpia. Após desembarcar no Brasil, Fradique visita, a pedido de um amigo, uma fazenda em Engenho Cajaíba. Em carta enviada a Eça de Queiroz, o português relata sobre a compra da fazenda e faz uma pequena descrição do local:

Comprei uma fazenda! Vinte mil hectares de boa terra no Recôncavo Baiano, a uns duzentos quilômetros de São Salvador, com todos os seus cento e cinquenta escravos, um rico solar, sanzala (ou senzala, como aqui lhe chamam), enfermaria, terreiro ladrilhado, duas máquinas a vapor, uma turbina, uma máquina de fazer fubá e outra de cevar mandioca, caldeiras e prensas, alambiques, tóneis e demais utensílios para a fabricação de açúcar (AGUALUSA, 2011, p. 105).

Entre tantos escravos que viviam na fazenda, um em especial chamou a atenção de Fradique devido à sua história. Era um velho chamado Cornélio, respeitado por todos e que participou da revolta de 1835. Trazido da costa da Nigéria, afirmava ser o único sobrevivente vindo deste tráfico, acometido de um surto de doença que atingiu o navio. “Conta ele que dois dias depois do embarque todos os escravos começaram a morrer de uma estranha e horrível moléstia, uma espécie de lepra fulminante, que no espaço de horas abria feridas por todo o corpo, apodrecia os membros, levava os homens à loucura” (AGUALUSA, 2011, p. 105).

Durante o trajeto, o escravo presenciou momentos horríveis, como o sofrimento daqueles que contraíam a doença e que eram jogados ao mar, sendo marinheiros ou escravos.

Os primeiros cadáveres ainda foram retirados do porão pelos marinheiros, mas depois também um deles contraiu a doença, e teve de ser levado ao mar aos uivos, e os outros recusaram-se a entrar lá dentro. Cornélio viu uma jovem mulher matar o próprio filho à dentada, sendo depois assassinada pelos outros escravos; viu homens sem rosto, como assombrações, a comer cadáveres; viu ratos (“os ratos”, disse-me ele, “eram enormes, eram quase gente: falavam comigo”). Viu o inferno, com todos os seus demônios. Quando conseguiu sair dali (não se lembra como) e percebeu que estava vivo teve a certeza de que era imune à morte (AGUALUSA, 2011, p. 107-108).

O trecho acima evidencia o envolvimento de Fradique com os escravos, principalmente o desejo de mostrar a experiência de alguém que passou por um navio negreiro e sofreu muitos horrores e não sabe como sobreviveu a tudo isso. Ao se dar conta de que estava vivo Cornélio acreditava que era isento à morte e isso, conforme Fradique, transformou-o em uma pessoa perigosa, participante de muitas lutas.

Durante a narrativa, percebemos que Fradique apresenta algumas ações em prol daqueles que foram transformados em mercadorias, como é o caso de um garoto escravo que foi oferecido a Fradique na última noite em que estava em Angola. Indignado com tal proposta, a personagem recusa-se a comprar o garoto, no entanto, ao saber, através de Arcênio de Carpo (filho), que o menino poderia ser morto caso não fosse vendido, o português decide levá-lo para o Brasil. Mas é quando Fradique está no Brasil que realmente aflora sua posição diante do sistema escravagista:

Houve a semana passada grande festa na minha propriedade. Decidi conceder carta de alforria a todos os trabalhadores do engenho, o que serviu de pretexto a uma alegre manifestação emancipadora, que trouxe a São Francisco do Conde algumas maiores figuras do crescente movimento social contra a escravatura. Os trabalhadores optaram, na sua maioria, por permanecer ao meu serviço, pagando-lhes eu o mesmo que nas províncias do Sul se paga aos colonos europeus, e responsabilizando-me pela saúde de todos e a educação dos filhos (AGUALUSA, 2011, p. 115).

Nesta carta, endereçada a Eça de Queiroz, Fradique relata sobre a festividade e seus convidados. Entre as figuras presentes estavam duas pessoas importantes do movimento abolicionista: José do Patrocínio e Luís Gama. No romance, ambos são transformados em personagens, defensores do fim do regime escravista, com quem Fradique passa a ter ligação quando compra a fazenda. É a partir do momento em que a personagem decide libertar os escravos e assumir sua postura em relação à abolição que o viajante entra em desagrado com aqueles que eram a favor da escravidão.

- A escravidão é um roubo! O Barão não esperava aquilo (eu próprio não o esperava). Fez-se muito vermelho, agarrou-se com as mãos trémulas ao castão da bengala, e eu temi que caísse morto a meus pés. Mas resistiu. Levantou-se hirto, pegou na cartola, e sem me estender a mão dirigiu-se para a porta: - Passe bem – murmurou num fio de voz. – Há de ouvir falar de mim. Alexandre foi atrás dele, abanando a cabeça, e eu fiquei a vê-los embarcar na certeza de que tinha assinado com aquele episódio uma declaração de guerra. Percebi no mesmo instante que acabara de fazer a minha opção de classe (Santo Antero, o nosso querido poeta, gostaria dessa expressão). Ou seja, parece-me que encontrei neste país uma nova causa com que entreter o espírito e afastar o ócio (AGUALUSA, 2011, p. 120-121).

Ao longo do romance, a personagem vai demonstrando seu incômodo em relação à escravidão:

Os escravos cantavam nos porões. No tombadilho o comandante tinha mandado colocar uma grande gaiola cheia de galinhas, faisões, pequenas aves canoras, e um rumor de floresta juntava-se assim ao queixume triste dos negros, causando em meu espírito uma estranha impressão.[...] Entramos em águas brasileiras do mesmo modo que, vinte e quatro dias antes, tínhamos deixado a costa africana: silenciosamente,

invisivelmente, a coberto da escuridão de uma noite sem lua. Os escravos que nestes últimos anos cruzaram o Atlântico, aos milhares, fechados durante vinte ou trinta dias em sórdidos porões, hão de ter pisado a mesma praia que eu, cegos, confusos, crentes e certamente de que viveram uma única e inesgotável noite sobre o mar (AGUALUSA, 2011, p. 86-91).

O romance também retrata as punições sofridas pelos escravos:

Ainda há pouco tempo os geófagos eram castigados trazendo durante dias a fios grotescas máscaras de ferro presas à cabeça. Com o calor do sol as máscaras colavam-se ao rosto, deformando-o horrivelmente. Esta prática caiu em desuso, não porque o senhores de engenho se tenham tornado mais humanos, mas porque, com o fim da tráfico, os escravos passaram a ser mercadoria preciosa, e portanto protegida (AGUALUSA, 2011, p. 109).

Com o desenvolver da narrativa, percebemos que Fradique Mendes se apresenta com a visão de um sujeito não mais permanente/fixo, conforme defende Hall (2003) em sua teoria, mas sim uma personagem que está se transformando em um sujeito fragmentado, constituído por várias identidades. Torna-se, portanto, um sujeito pós-moderno que assume identidades diversas em momentos distintos; identidades que não são permanentes ao redor de um “eu” coerente, pois o mundo sofre e está em mudanças e os modos de significação e representação cultural se multiplicam e evoluem, fazendo com que o sujeito se confronte com uma diversidade desconcertante de identidades possíveis.

Em relação ao tráfico de escravos no Brasil, estima-se que cerca de 4 milhões de africanos desembarcaram em território brasileiro por três séculos de escravidão. Conforme Cotrim (1999, p. 84), “certas regiões, como a Angola do século XVII, transformaram-se em lugares desertos”. As guerras internas entre as sociedades africanas contribuíram no processo de transformação de homens livres em escravos. Essas lutas eram, a princípio, motivadas por disputas de territórios. Segundo Cotrim, o escravismo africano apresentou características diferentes do escravismo europeu, pois “[...] aquele considerava o cativo como prisioneiro de guerra, submetido ao grupo vencedor. Porém, mesmo sendo escravo, o prisioneiro não perdia sua condição de ser humano. Já a escravidão imposta pelos europeus era orientada pelo lucro e, por isso, transformava seres humanos em mercadorias” (COTRIM, 1999, p. 85).

Após serem aprisionados, os africanos eram acorrentados e marcados com ferro em brasa como modo de identificação. Depois eram trazidos ao Brasil por meio dos navios negreiros. Durante o trajeto, nos porões sombrios dos navios, os escravos lidavam com um espaço reduzido e calor insuportável. Além disso, a alimentação era pouca e a água para consumo era suja. Devido às péssimas condições e aos maus-tratos, morriam, em média, 20% dos escravos no decorrer da viagem.

Chegando ao Brasil, os negros eram vendidos no próprio porto, em leilões. Pouco tempo depois, estavam trabalhando para seus proprietários: na agromanufatura do açúcar, na plantação de algodão, na mineração etc. [...] Os que trabalhavam no campo ou na mineração eram mais maltratados, recebiam roupas de trapo e alimentação deficiente. Sob a fiscalização do feitor, trabalhavam, em média, 15 horas por dia. Além disso, caso desobedecessem ordem, sofriam vários tipos de castigos: chicotada, queimadura prisão etc. [...] Já os escravos domésticos, escolhidos entre os que o senhor considerava mais bonitos e confiáveis, recebiam roupas melhores e alimentação mais adequada (COTRIM, 1999, p. 88).

No âmbito de nossas reflexões, em *Nação Crioula*, chamamos a atenção também para uma personagem de grande importância na narrativa: Ana Olímpia. Esta é uma personagem marcante nessa história, pois viveu na pele a escravidão. No romance, Fradique se envolve e se apaixona por Ana; esta era filha de um príncipe congolês, que, no entanto, ficou prisioneiro pelas tropas portuguesas até a morte. O príncipe tinha três mulheres que foram vendidas, e uma que se encontrava grávida foi negociada por Victorino Vaz de Caminha. A filha dessa mulher, Ana Olímpia, tornou-se tempos mais tarde esposa de Victorino.

Ana viveu com todo luxo que o marido lhe proporcionava, ele incentivava na educação de sua esposa ao contratar professores para que ela pudesse aprender um pouco de tudo. Com a morte de Victorino, Ana Olímpia tornou-se proprietária de escravos e de grandes propriedades, entretanto, surgiu o cunhado, Jesuíno, que exigiu direitos de herança e fez de Ana sua escrava ao descobrir que Victorino Vaz de Caminha não lhe tinha alforriado. Jesuíno vendeu Ana Olímpia para Gabriela Santamarinha, a “Boca Maldita”, cuja fisionomia Fradique fez referência, durante a carta destinada à Madame de Jouarre, ao texto “Boca de Inferno”, de Gregório Mattos.

Verificamos que Agualusa, ao utilizar a expressão “Boca Maldita”, faz referência ao texto “Boca de Inferno”, de Gregório Mattos. Este mecanismo confirma o que Julia Kristeva defende ao afirmar que todo texto é um mosaico de citações. Desta forma, entendemos a intertextualidade como um diálogo entre as linguagens, pois ela coloca em cena outros textos, construindo uma nova versão. O texto passa a ser o lugar onde as vozes se encontram e se cruzam, onde as produções literárias reconstroem e redistribuem textos anteriores em um texto, levando a entender que todo texto é absorção e transformação de um outro texto.

A instrução que Ana recebeu do seu marido a fez “lúcida, forte e com opiniões, enfim, uma como é difícil encontrar um homem” (AGUALUSA, 2011, p. 44). Logo após a morte de Victorino, Ana Olímpia tornou-se uma das pessoas mais ricas de Angola. Porém, a

jovem angolana retorna à condição de escrava quando seu cunhado, Jesuíno, apropria-se de toda a sua fortuna.

Aconteceu tudo como num pesadelo. No dia 26 de maio de 1876 eu era uma das pessoas mais ricas e respeitadas de Angola. Possuía propriedades na cidade e nos musseques, arimos, bois, grande número de serviçais. O governador recebia-me no Palácio, quase todas as semanas, para discutir questões ligadas ao comércio e à administração da província; presidia a várias comissões, tinha cadeira alugada no Teatro da Província. E no dia seguinte um aventureiro entrou em minha casa acompanhado pelo chefe da polícia (meu amigo), esbofeteou-me, e eu soube que era sua escrava ((AGUALUSA, 2011, p. 192)

Este fato aconteceu porque Victorino Vaz ao casar-se com Ana Olímpia não lhe entregou a carta de alforria e, Jesuíno, aproveitando-se da situação tomou tudo que estava com a jovem e a vendeu como escrava para Gabriela Santamarinha. A angolana só conseguiu a liberdade quando foi resgatada por Arcénio de Carpo (filho), que tirou a jovem da casa de Gabriela e organizou a fuga para o Brasil.

Nas cartas que Fradique destinava a Madame de Jouarre, a personagem descrevia e mostrava sua perspectiva sobre tudo aquilo que via e fazia em Luanda, o fato de escrever proporcionava o registro das situações marcantes, para que não fossem esquecidas e para que outras pessoas conhecessem suas narrativas. Quando foi convidado para um baile durante a sua permanência em Luanda, Fradique relatou a madrinha o lugar da festa e as pessoas que lá estavam.

Domingo fui convidado para o Baile do Governador, acontecimento de grande brilho, ruído e ostentação, ao qual comparece habitualmente *toute Luanda* – ou seja, quem quer que nesta cidade, tendo algum capital, saiba ler e escrever. Nos salões do palácio misturam-se comerciantes honestos e criminosos a cumprir pena de degredo, filhos do país de louros e aventureiros europeus, escravocratas e abolicionistas, monárquicos e republicanos, padres e maçons. Alguns dos mais prósperos homens de negócios de São Paulo de Luanda iniciaram fortuna pedindo emprestadas umas poucas macutas com que compravam peixes para fritar, vendendo-o depois nas feiras e mercados. Em pouco tempo as macutas tornaram-se tostões e depois libras e finalmente contos de réis (AGUALUSA, 2011, p. 23-24).

No relato acima, a personagem retrata vários tipos da sociedade com a qual se encontrou, entretanto no baile só estavam pessoas com certa importância na comunidade. Podemos observar que não há homogeneidade identitária e cultural entre as pessoas no relato acima, pelo contrário, no baile do Governador há sujeitos de todos os tipos que se misturam e juntos constroem múltiplas identificações que fazem de Angola um local heterogêneo. Depois de descrever o ambiente, Fradique observa que naquele baile era possível se deparar com vários tipos de pessoas sob um mesmo teto. “É difícil imaginar coleção mais interessante de

tipos físicos e psicológicos, até patológicos, reunida debaixo de um mesmo teto” (AGUALUSA, 2011, p. 24). Assim como coloca em relevo personalidades reais para a construção da obra, Agualusa utiliza fatos históricos para elaborar sua narrativa. O Baile do Governador é um exemplo que acontecia em Luanda e que, assim como na obra *Nação Crioula*, atraía diferentes tipos de personalidades.

Na obra, durante o baile, Fradique é apresentado a personagens que tem relação direta com o sistema escravagista e que são de grande relevância para a construção da narrativa. É o caso de Gabriela Santamarinha e Ana Olímpia Vaz de Caminha. A primeira era uma senhora que todos que viessem à Luanda deveriam ser apresentados. Conforme Arcénio de Carpo, Gabriela Santamarinha era a mulher mais feia do mundo:

[...] Entre toda esta gente sobressai a figura da senhora Gabriela Santamarinha. Os luandenses, que em tudo pretendem ser superiores e para os quais não existe excesso sem virtude, tinham-me assegurado, gravemente, ser tal senhora a mulher mais feia do mundo. Eu, que com alguma largueza venho percorrendo pelo globo, fui forçado a concordar. Não há, não pode haver, mulher tão completamente feia e tão satisfeita de o ser. Ao vê-la recordei-me de uns versos do poeta brasileiro Gregório de Matos, descrevendo uma negra crioula: “Boca sacada/ com tal largura/ que a dentadura/ passeia por ali/ desencalmada”. A senhora Gabriela Santamarinha é uma fealdade natural, sem artifícios nem retórica, e exerce-a em cada gesto, em cada frase, no odor corporal, na forma bestial como caminha. “Veja como é feia!”, disse-me emocionado Arcénio de Carpo, “nem entre os aborígenes do continente austral houve alguma vez criatura assim” (AGUALUSA, 2011, p. 24).

A personagem Gabriela Santamarinha é descrita no romance como uma mulher extremamente cruel, que punia seus escravos por meio de muitos castigos. No trecho abaixo, temos a manifestação de sua crueldade e selvageria, quando a senhora de escravos, de maneira agressiva e violenta, utiliza-se de uma palmatória para castigar uma criança pelo simples fato desta ter deixado escapar um macaquinho de sua estimação:

Gabriela Santamarinha goza de justa fama de bruta. Eu próprio a vi, certa vez, castigar uma infeliz criança batendo-lhe nas costas das mãos com uma palmatória, e com tal violência que o sangue saltou manchando o vestido da senhora. A pequena então foi amarrada a um pau, inteiramente despida, e Gabriela marcou-lhe o dorso à chibatada. O seu crime? Havia deixado escapar um dos macaquinhos amestrados com que a pavorosa personagem distrai os convidados (veste-os ricamente: laço colete e chapéu alto, os machos; panos da costa, as fêmeas; e fá-los depois dançar as modas da terra) (AGUALUSA, 2011, p. 46).

Ao descrever Luanda e suas pessoas, Fradique mostra seu olhar e seu envolvimento com este lugar. Depois de conhecer a figura de Gabriela Santamarinha, a personagem conhece outra mulher à qual se encanta com tanto carisma e beleza: Ana Olímpia, a jovem angolana. Após vê-la Fradique demonstra ainda mais interesse por Angola.

[...] No instante seguinte vi-a: a mulher mais bela do mundo! Dançava-se a rebita, moda do país que com singular harmonia combina com a graça mundana da valsa e o ritmo selvagem dos batuques. O mestre de cerimónias, um oficial negro conhecido por Gingão, dirigia a dança numa língua misteriosa, que mais tarde me garantiram ser francês. Ao vê-la – a mulher mais bela do mundo – logo naquele momento me reconciliei com a humanidade e os meus olhos se abriram com outro interesse para este país e as suas gentes (AGUALUSA, 2011, p. 26).

A visão de Fradique sobre Angola muda a partir do momento em que ele conhece Ana. Ele a descreve com certo encantamento ao falar de sua beleza e da dança que ela participava. Ao conhecer na África uma mulher tão instruída como Ana Olímpia, com quem conversou sobre filosofia, ciências naturais, literatura e ouvi-la “citar Kant e Confúcio, troçar teses de Charles Darwin, comentar com inteligência e novidade a moderna lírica francesa” (AGUALUSA, 2011, p. 28), Fradique se espanta com tantas qualidades e faz uma pergunta com tom de menosprezo a Ana Olímpia: “o que faz uma mulher como você num lugar como este?” ao que ela então responde sorrindo “este lugar é o meu país” (AGUALUSA, 2011, p. 28). A partir desse encantamento e desse olhar por Ana, a história do viajante português se transforma, pois nesse país encontrou alguém que lhe encantou e atraiu profundamente.

Deste modo, Ana não demorou em se tornar o amor do viajante português, sendo a razão pela qual a personagem decide lutar contra a escravidão, tanto em Angola, quando a jovem foi levada como escrava por Gabriela Santamarinha quanto em Pernambuco, depois de fugirem para o Brasil. Fradique finaliza uma de suas cartas destinadas a Madame de Jouarre afirmando uma mudança de seu olhar em relação à Angola, dizendo ser “um país que me surpreende todos os dias” e se declara, para a madrinha, como “um afilhado quase africano” (AGUALUSA, 2011, p. 28).

Nos dois parágrafos anteriores, já percebemos que as falas de Ana Olímpia e de Fradique Mendes apresentam um discurso muito forte e significativo, pois apresentam um sentimento de pertencimento em relação a um lugar, uma nação. Compreendemos, por meio da teoria de Benedict Anderson (2008), que as personagens passam a se identificar com o lugar, sentindo-se parte integrante desta comunidade, reforçando a ideia de nação como uma comunidade imaginada.

No romance, a personagem Carlos Fradique Mendes descreve sempre aos seus destinatários as características do lugar em que está, seja falando sobre as pessoas que encontrou, a culinária local, as festas ou a escravidão, a fim de que entendêssemos por meio de seu olhar a sociedade angolana.

Cabe aqui destacarmos no romance a questão das referências. Identificamos a presença de algumas vozes que favoreceram o espaço intertextual da obra. Além de Gregório de Matos, citado anteriormente, aparecem no romance, referências a Baudelaire, Kant, Confúcio, Darwin entre outros. Desta forma, identificamos o que Bakhtin (2003) sinaliza ao afirmar que nenhum enunciado poderia ser considerado fielmente inédito/único, pois cada texto apresenta alguma interação com outro já existente. Assim, Agualusa ao colocar em evidência aspectos culturais e políticos, históricos e literários em *Nação Crioula*, ele retrata diferentes vozes através de Fradique Mendes.

Desta forma, muitas personagens ganham voz dentro da narrativa, no entanto as vozes que transitam através de Fradique Mendes o fazem a voz soberana no romance. Carlos Fradique discorre sobre diversos assuntos em suas missivas quando escreve aos seus destinatários/interlocutores. Conforme mencionado anteriormente, segundo Bakhtin (2003), a polifonia consiste em diferentes vozes dentro de uma organização interna do discurso, nas cartas de Fradique, percebemos que em alguns momentos o diálogo das vozes se faz notável, mesmo nós não tendo acesso as cartas-respostas. Todos os acontecimentos e fatos narrados entre as vinte e cinco cartas foram descritos pela personagem Fradique. Somente a partir da última epístola da obra, temos a história contada pela voz de Ana Olímpia. Neste sentido, Ana passa a contar, sob sua perspectiva, sua história desde a infância, seu encontro e relacionamento com Fradique Mendes, a fuga para o Brasil, sua estada no país e o retorno para Angola.

Ao contar sua história de vida, a personagem relata mais de Fradique Mendes do que ele próprio falou sobre si em suas missivas, embora nesta última carta Ana tivesse a intenção de narrar sobre ela mesma, em algumas situações, ela mostra mais detalhes de fatos descritos por Fradique.

Segundo Arcênio de Carpo, citado por Ana Olímpia, Fradique era

[...] o último português do Velho Portugal. Jurava a pés juntos que Fradique era íntimo de Victor Hugo; que acompanhara Garibaldi na conquista das duas Sicílias; que ainda há pouco meses se batera na Etiópia ao lado da expedição punitiva, anglo-indiana, do marechal Robert Napier. A mim impressionou-me mais saber que ele estivera com Bakunin em Londres, em 1860, bebendo vodca, discutindo Deus e o Estado, ouvindo o grande homem contar como escapara à morte nos campos gelados da Sibéria (AGUALUSA, 2011, p. 172-173).

Para Victorino, Fradique era um tipo de “encarnação: a casaca perfeitamente ajustada ao tronco, a camisa sem mácula, a pérola no esplendor do peitilho”. Victorino definia

bem Fradique ao dizer que “aquilo não é um homem, é uma invenção literária” (AGUALUSA, 2011, p.173).

Ana Olímpia conta sua vida a Eça de Queiroz enfatizando detalhes que não foram relatados por Fradique. Na carta, ela fala sobre a morte do marido; o surgimento do cunhado, Jesuíno Vaz de Caminha; a inexistência de sua alforria por desleixo de Victorino; sua venda para Gabriela Santamarinha; seu resgate feito por Arcénio de Carpo Filho; e sua fuga para o Brasil.

Lembro-me disso como se fosse parte de um sonho. Um dia (uma noite?) ouvi gritos e um homem apareceu diante de mim, com uma lanterna na mão esquerda e uma espingarda na direita. O resto já v. conhece. Muita gente não compreende por que é que os escravos, na sua maioria, se conformam com a sua condição uma vez chegados à América ou ao Brasil. Eu também não compreendia. Hoje compreendo. No navio em que fugimos de Angola, o Nação crioula, conheci um velho que afirmava ter sido amigo de meu pai. Ele recordou-me que na nossa língua (e em quase todas as outras línguas da África Ocidental) o mar tem o mesmo nome que a morte: Calunga. Para a maior parte dos escravos, portanto, aquela jornada era uma passagem através da morte. A vida que deixavam em África era a Vida: a que encontravam na América ou no Brasil, um renascimento (AGUALUSA, 2011, p. 199).

Além disso, ela conta sobre o nascimento de sua filha, Sophia, e o que aconteceu com ela após a morte de Fradique, assim como o que aconteceu com outras personagens, como Jesuíno e Gabriela Santamarinha.

Para mim também foi assim. Em Pernambuco, e depois na Bahia, reencarnei pouco a pouco numa outra mulher. Às vezes vinha-me à memória a imagem de um rosto, a figura de alguém que eu tinha amado e que ficara em Luanda, e eu não conseguia dar-lhe nome. Pensava nos meus amigos como personagens de um livro que houvesse lido. Angola era uma doença íntima, uma dor vaga, indefinida, latejando num canto remoto da minha alma. Quando nasceu Sophia eu já me sentia brasileira; porém, sempre que ouvia alguém cantar os singelos versos do mulato António Gonçalves Dias saudades do Brasil – “Minha terra tem palmeiras / onde canta o sabiá / as aves que aqui gorjeiam / não gorjeiam como lá” - , sempre que isso acontecia era em Angola que eu pensava: “Minha terra tem primores / que tais não encontro eu cá / Não permita Deus que eu morra / sem que eu volte para lá”. Em 1889, poucos meses após a morte de Fradique, ouvi de novo alguém cantar estes versos e compreendi que tinha de regressar a Luanda. Vendi o Engenho Cajaíba, que Fradique me deixara em testamento, e embarquei com nossa filha e uma empregada (AGUALUSA, 2011, p. 199-200).

Neste trecho, é importante observarmos que Agualusa dialoga com Gonçalves Dias ao fazer referência à *Canção do Exílio*. Esta canção reflete um forte sentimento em Ana Olímpia que a motiva a retornar a sua terra, não à procura de alguém, mas a procura dela mesma e de algo que foi e amou, e desta forma ela cede a autorização para a publicação da correspondência secreta de Fradique Mendes. Desta forma, Ana Olímpia ao escutar e assimilar as palavras e os discursos do outro, apropria-se deles e os transforma em palavras e

discursos dela, confirmando assim, ao que Bakhtin (2003) define por dialogismo, em que o discurso se constrói a partir da relação daquilo que é seu e do que é do outro. Sob esta perspectiva, embasada por ideias bakhtinianas, verificamos que o romance analisado se constrói a partir de textos/discursos anteriores, levando a entender as produções textuais são absorvidas e transformadas em outro texto.

Por este viés, percebemos que a voz de Ana Olímpia torna-se soberana, não por estar evidente na última carta que encerra o romance e nem por ela ter autorizado a publicação das cartas de Fradique, mas sim por apresentar e representar a voz de uma mulher, negra, angolana e ex-escrava que pôde falar e se fazer ouvir.

No romance, outro ponto que devemos destacar é a culinária. No decorrer da narrativa a visão da personagem Fradique sobre a culinária angolana aparece em alguns momentos. Em carta enviada a Madame de Jouarre, o viajante relata que na casa de Arcénio de Carpo só passeia e engorda, mas seu criado Smith

esse, apenas engorda. Surpreendentemente, ou talvez não, converteu-se à calorosa culinária angolense e por mais de uma vez o encontrei entre a criadagem, comendo alegremente o funge e o feijão. Neste convívio recolhe o noticiário da cidade e assim também de Angola posso, todas as manhãs, “ler o Smith”. Ignoro, é verdade, o preço exato do ouro na bolsa de Londres, desconheço o destino de Livingstone e nem sequer consigo acompanhar as intrigas da corte. Em contrapartida sei que os ratos assados continuam a vender-se muito bem nos mercados de Luanda, a quinze réis a dúzia, enfiados pela barriga em espetos de pau, e que tem havido distúrbios no Sumbe e no Congo (AGUALUSA, 2011, p. 17).

As peculiaridades culinárias de Angola mostram durante a narrativa uma transformação identitária por onde passa Fradique e seu fiel criado Smith. Em Angola, o ouro na Bolsa de Londres e as intrigas da corte deixam de ter significado quando são comparados à culinária e notícias locais. Assim, a África passa a se transformar em um local onde se constrói identidades mistas. Durante a narrativa, a personagem se envolve com o lugar em que está e assim ao observar a diferença do tipo de culinária a que estava acostumado, o viajante resolve descrever os tipos de comida em sua passagem por Luanda. Em outra carta também a Madame de Jouarre, a personagem relata sobre a comida servida após retornar de uma caçada as jacarés: “À ceia assaram-se cascudos, género de peixe de água doce, muito saboroso, que abunda em toda esta parte da África, e bebeu-se vinho português, quissanga e quimbondo, com os caçadores reunidos em grupos à volta das fogueiras” (AGUALUSA, 2011, p. 70).

Em uma das cartas enviadas a madrinha, Fradique relata que na última noite de estadia em Novo Redondo, Lívia, companheira de Horácio Benvindo, ofereceu-lhe uma travessa de gafanhotos assados e que ele provou e disse serem bons:

Lívia apareceu de repente com uma travessa cheia de gafanhotos assados. “Provem”, disse virando-se para mim e para o comandante: “são ótimos”. Eram realmente muito bons, com um ligeiro travo de avelã, a consistência de pequenos camarões. O comandante contou que em certa ocasião, após uma grande tempestade, ficou uma semana à deriva em pleno equador, naquela região desolada e quente a que os marinheiros chamam esparrela com um mar de azeite, completamente morto, e sem uma brisa que enfunasse as velas. Tinham perdido todas as provisões e já os marinheiros falavam em matar alguns escravos para os comer, quando viram de repente o céu tornar-se escuro e uma imensa nuvem de gafanhotos caiu sobre as águas. “Nas três semanas que se seguiram comemos apenas gafanhotos, assados, cozidos, fritos e salteados, e não só não perdemos um único escravo como eles chegaram gordos e luzidios e foram todos vendidos por um bom preço” (AGULUSA, 2011, p. 84-85).

Quanto à culinária, percebemos que para a personagem não havia problemas em conhecer e saborear comidas distintas. Isso poderia acontecer por sua curiosidade de experimentar o desconhecido ou pelo simples fato de poder descrever ao outro sobre as iguarias experimentadas, como faz em carta a Madame de Jouarre. Um caso curioso que podemos observar, é que após a personagem falar sobre os gafanhotos servidos como alimentos, Fradique, como se soubesse qual seria a reação de sua madrinha ao ler a carta, descreve no parágrafo seguinte gostos culinários de algumas culturas como Roma, Grécia e Lisboa de maneira comparativa a culinária angolana:

Repugna-lhe a culinária angolana? Pois lembre-se que entre a aristocracia Romana os gafanhotos, preciosamente assados em mel, eram muitíssimo apreciados. Os Romanos, de resto, praticavam a entomofagia com particular entusiasmo. Nas mesas dos ricos não faltavam, por exemplo, as larvas de escaravelho temperadas em vinho e depois grelhadas. Já na Grécia antiga as infusões de percevejos eram utilizadas para combater as febres mais resistentes, e ainda hoje, em alguns países da Europa Central, se recorre com idêntico propósito a um chá confeccionado a partir da vulgar barata doméstica. No meu país, na minha Lisboa, comem-se pelas tascas pequenos caracóis, cozidos em água, sal e orégãos, sendo este petisco muito apreciado pelas classes populares (AGUALUSA, 2011, p.85)

No romance, percebemos que todo o discurso da personagem leva em conta as possíveis reações de seus interlocutores. Nessa perspectiva, a todo o momento a enunciação é manifestada pela palavra do outro durante a construção da narrativa. Por meio dos diálogos, a interação com o outro torna-se ativa, pois as palavras da personagem Fradique Mendes estão presentes para marcar suas ideias e opiniões.

Em *Nação Crioula*, a tradição e a memória são marcadas pela presença da oralidade transmitida de geração em geração. Na obra, percebemos que em determinados momentos das epístolas, a personagem narra situações que lhe chegavam aos ouvidos por meio da fala de outras pessoas. Em uma carta enviada a Madame de Jouarre, Fradique relata um fato que seu empregado, Smith, ouviu de algum luandense. Uma jovem chamada

Carolina, filha de um escravocrata e rico comerciante, Mateus Lamartine, envolve-se e se apaixona por um jovem negro enfermeiro. O pai da moça proíbe o namoro porque o rapaz não tinha ligação com as nobres famílias de Luanda. Inconformado com a proibição do relacionamento, o rapaz foge com Carolina. Algum tempo depois, em Feira do Dondo (lugar onde o jovem tinha família), o casal encontra um padre em uma vila e este realiza o matrimônio, no entanto, o sacerdote aconselha o casal para que retornem e peçam perdão ao pai de Carolina. Quando chegam à casa da jovem noiva, o enfermeiro é assassinado. Passando algum tempo, o pai obriga a filha a casar-se com L.A. (caçador profissional), mas durante o casamento as pessoas reconhecem o noivo como o assassino do enfermeiro e a jovem Carolina mata o marido na noite de núpcias. Antes de finalizar a narrativa, Fradique faz um pequeno mistério para o que ele denomina de novela:

O nosso feroz Camilo teria terminado aqui esta novela. Zola ainda antes, naquele cais onde primeiro ocorreu o sangue. Os desvairados deuses de África, porém, deram-lhe um fim impossível. Quer saber o que aconteceu? Sete meses mais tarde Carolina deu à luz um menino negro. A criança não chorou quando a parteira a ergueu nos braços e levou para a noite, mostrando-a às estrelas, às árvores escuras, a toda as coisas imóveis e moventes onde os espíritos dos antepassados se ocultam e vigiam. O menino, pois, não chorou. Em voz alta e firme, a voz do pai, denunciou o avô negreiro. Voltou a fazê-lo já na presença de numerosas testemunhas, explicando que o velho contratara os serviços de L.A., e que os dois tinham arquitetado o crime. Depois calou-se e começou finalmente a chorar, como choram todas as crianças no momento em que percebem o mundo. Mateus Lamartine suicidou-se a semana passada (AGUALUSA, 2011, p. 22).

A história narrada pela personagem retrata os fatos que acontecem na cidade de Luanda, onde os finais podem ser surpreendentes, diferentes do imaginado. O viajante quando começa a se envolver com o lugar e com a cultura desse povo, não mede esforços para saber e entender os costumes e as tradições desse lugar e, isso se mostra através das histórias impressionantes e interessantes que passa a conhecer e então decide compartilhá-las com seus interlocutores.

No que toca a questão da religião, em *Nação crioula*, a mistura de crenças e valores europeus e africanos é uma característica significativa. Nesse processo nenhuma cultura era superior à outra. Em carta enviada a Madame de Jouarre, Fradique relata que, durante a viagem entre África e Brasil, conheceu um escravo a quem chamavam de Conde; este viajava carregando um manipanso¹.

¹ Manipanso é um pequeno objeto (ídolo) africano, utilizado na realização de um ritual (culto).

Eram trinta: a maior parte havia perdido a liberdade na sequência de pequenos delitos, como roubo e adultério, e outros em razão de cabalas misteriosas, prática de feitiçaria ou acusações ainda mais absurdas. Um deles, a quem chamávamos de Conde de Cagliostro, ou simplesmente Conde, um homem alto, forte, rosto severo, tinha conseguido trazer consigo um manipanso, um boneco esculpido em madeira vermelha, e servia-se dele sempre que pretendia tomar qualquer decisão ou saber notícias dos seus (AGUALUSA, 2011, p. 87).

Conforme Fradique, o ritual consistia em uma reverência à imagem por meio de elogios. A pessoa podia fazer perguntas ao boneco colocando-o próximo ao ouvido em um período de silêncio para que o pedido fosse alcançado:

Quando querem fazer um pedido qualquer ao seu manipanso os negros pegam num martelo e espetam-lhe um prego. Se o pedido for atendido o prego é retirado, e a estatueta recebe festas e aguardente. Caso não, o prego permanece, roído pela ferrugem, para lembrar e castigar a incompetência do pequeno ídolo. O comandante recordou, a propósito, que no Brasil as imagens dos nossos inumeráveis santinhos católicos são também muitas vezes humanizadas – e portanto tratadas com tal. Conta ele que certa tarde, estando de visita a um importante senhor de engenho, viu este chicotear violentamente a estatueta em tamanho natural de um Santo António, a quem responsabilizava pela fuga do seu melhor escravo: “É assim que tomas conta da minha escravaria?!”. Assegura o comandante que existem mesmo chicotes especiais, em diferentes tamanhos, destinados a castigar os santinhos mais indolentes (AGUALUSA, 2011, p. 88-89).

Em outro momento, ao descrever a personagem Luís Gonzaga (também de origem portuguesa), em carta destinada a Ana Olímpia, Fradique aborda também sobre a questão do mito da superioridade europeia, em que apresenta influência africana no modo de ser do amigo que é médico:

Luís Gonzaga foi meu companheiro de república em Coimbra. Tornou-se popular entre os estudantes pelo vigor das suas gargalhadas, que sacudiam os lustres e assustavam os pássaros, e pelo talento com que tocava guitarra. Alegre, irresponsável, frequentando mais as tascas que os compêndios, levou quase dez anos para terminar o curso. A seguir embarcou para África e fixou-se em Benguela. Por que em Benguela? Nos últimos dias temos conversado muito mas não consegui que me respondesse a esta questão. [...] Ouço-o às vezes falar em umbundu com o cozinheiro, António Salvador, um homem sábio, que entre 1854 e 1856 acompanhou David Livingstone na famosa expedição que descobriu as Cataratas de Vitória. Nessas alturas parecem ambos da mesma nação, pois Luís Gonzaga não apenas fala a língua do velho – fala-a como um ovimbundo. Volta a rir com o furor antigo, faz grandes gestos, bate palmas, e eu fico a vê-los com a sensação de que este país o colonizou (AGUALUSA, 2011, p. 29-30).

Companheiro de república de Fradique em Coimbra, Luís Gonzaga fez medicina e fixou-se em Benguela. Lá, construiu um pequeno hospital às suas custas, onde assiste soldados, degredados e pobres. No entanto, quando não encontrava modos ou conhecimentos para ajudar um paciente, Luís utilizava de outras técnicas, como a feitiçaria.

Em algumas passagens, o viajante também demonstra envolvimento com a cultura do outro:

A orquestra rapidamente arrebatou o gentio com seu ritmo turbulento. Horácio e Lívia entraram na dança, e por fim até eu entrei, para escândalo de Arcénio de Carpo, que em pouco afastado olhava tudo aquilo com indisfarçado desdém. Neste gênero de batuque os dançarinos formam usualmente uma roda, no centro da qual um deles evolui executando passos que os restantes aplaudem; ao fim de algum tempo o dançarino, ou dançarina, escolhe um outro e aproximando-se dele dá-lhe uma umbigada, o semba, passando o escolhido para o meio do círculo. Também eu tive de dançar no centro da roda, tendo a minha natural incompetência divertido toda a gente, em particular Ana Olímpia, que não podendo juntar-se a nós acompanhava a festa sentada numa cadeira de rede (AGUALUSA, 2011, p. 83).

Em *Nação Crioula*, percebemos que Agualusa faz uma crítica a respeito daquilo que os portugueses consideravam colonização:

Foi o impulso biológico da propagação da raça que empurrou caravelas portuguesas. Estamos em África, na América e no Oriente pelo mesmo motivo que os fungos se alastram ou os coelhos copulam – porque no íntimo sabemos (o nosso sangue sabe-o) que colonizar é sobreviver! [...] Desgraçadamente Portugal espalha-se, não coloniza [...] Pior: uma estranha perversão faz com que os portugueses, onde quer que cheguem, e temos chegado bastante longe, não só esqueçam a sua missão civilizadora, isto é, colonizadora, mas depressa se deixem eles próprios colonizar, isto é, descivilizar, pelos povos locais (AGUALUSA, 2011, p. 164-165).

Observamos que a ação de Fradique em relação ao colonialismo português e ao tráfico de escravos é irônica. Nessa obra, o viajante português vai aos poucos mudando sua visão etnocêntrica na medida em que vai conhecendo outras culturas. Observamos, a seguir, duas passagens que demonstram a posição crítica e irônica da personagem. A primeira encontra-se em uma das epístolas que Fradique destina a sua madrinha, Madame de Jourre, em que fica explícito a sua posição sobre a colonização. O fato se dá quando, Arcénio Filho, personagem que hospeda o viajante em sua casa afirma que “os pretos do mato constituem grande obstáculo à rápida transformação de Angola num país moderno uma vez que não têm sequer ideia de Estado, recusam-se a falar português e permanecem cativos de toda espécie de crenças e superstições” (AGUALUSA, 2011, p. 20). De maneira irônica, Fradique argumenta:

[...] os ingleses, franceses e alemães também se recusam a falar português [...] qual a diferença, afinal, entre um manipanso cravejado de duros pregos e a estatueta de um homem pregado numa cruz? Antes de forçar uma africano a trocar as peles de leopardo por uma casaca do Poole, ou a calçar umas botinas do Malmstrom, seria melhor procurar compreender o mundo em que ele vive e a sua filosofia (AGUALUSA, 2011, p. 20).

A segunda passagem está evidenciada na carta destinada a Eça de Queiroz, em que a personagem recusa-se a produzir um artigo sobre a situação de Portugal em terras africanas. Na carta, Fradique salienta que

a nossa presença em África não obedece a um princípio, a uma ideia, e nem parece ter outro fim que não seja o saque dos africanos. Depositados em África os infelizes colonos portugueses tentam em primeiro lugar manter-se na sela, isto é, vivos e roubando, pouco lhes importando o destino que o continente leva. E Portugal, tendo-os depositado, nunca mais se lembra deles. [...] O que nós colonizamos? O Brasil, dir-me-ás tu. Nem isso. Colonizamos o Brasil com os escravos que fomos buscar a África, fizemos filhos com eles, e depois o Brasil colonizou-se a si próprio. Ao longo de quatro demorados séculos construímos um império, vastíssimo, é certo, mas infelizmente imaginário. Para o tornar real será necessário muito mais do que a nossa consoladora fantasia de meridianais (AGUALUSA, 2011, p. 162-163)

Nesta carta, última enviada a Eça, Fradique se recusa a escrever um texto sobre a situação de Portugal na África, pois ele sabia que sua posição e opinião não agradariam aos políticos de Portugal. A cada história ou personagem que Fradique conhece, ou a cada lugar que a personagem transita, seu posicionamento crítico e cultural fica mais forte acerca de determinados assuntos, pois Fradique passa a se identificar com um novo contexto sob o qual está inserido.

Nas seis epístolas destinadas a Eça, percebemos que a personagem debate bastante sobre seu envolvimento com as questões da escravidão. As histórias retratam figuras excêntricas, como o padre Nicolau dos Anjos, que é descrito por Fradique como uma das pessoas mais interessantes de Angola:

[...] Creio que na minha anterior correspondência já lhe falei de Nicolau dos Anjos. Este homem é um dos espíritos mais interessantes de Angola e em toda a parte se escuta o nome dele. [...] Este homem tão grande, temido e venerado – é anão! A cabeça, presa a um minúsculo tronco de criança, parece enorme, muito maior que a de um homem normal. Entretanto emana dele tal autoridade, sobretudo quando fala, que ao seu lado poucas pessoas alcançam maior estatura. Áspero, rude, muitas vezes dogmático, o padre é, apesar disso, excelente conversador (AGUALUSA, 2011, p. 34-35).

Em outra carta enviada a Eça, as histórias narradas pelo viajante, fazem o amigo escritor acreditar que Fradique inventa as histórias e que assim, faz literatura:

Na sua última carta, a dado passo, v. duvida que sejam autênticas as personagens de que lhe venho falando, e deduz assim que ei estou já “fazendo literatura”. Mas realmente acha-me capaz – acha que alguém seria capaz – de criar, por exemplo, a figura de um padre negro, anão, milagreiro e nefelibata?! Só a Realidade, na sua vertiginosa e incedível insensatez, se atreve a sonhar tais prodígios. Não, não faço literatura. E também não tenciono, nem agora nem nunca, escrever memórias. Aquilo que de mais interessante aconteceu na minha vida foram as vidas das outras pessoas (AGUALUSA, 2011, p. 147-148).

Desta forma, a personagem defende a ideia de que relata apenas o que de mais importante aconteceu na vida de outras pessoas. Embora soubesse que Eça não poderia se envolver em assuntos relacionados ao fim da escravidão, Fradique solicita ao amigo que, de alguma forma, mantenha as autoridades informadas a respeito das causas abolicionistas. O escritor por meio de sua literatura, conforme Fradique, seria a pessoa ideal para mostrar ao mundo os horrores do tráfico de escravos.

[...] Calculo que v. não possa, enquanto representante da Coroa, envolver-se neste assunto, incómodo para Portugal e para o Brasil - e também eu nunca lhe pediria tal coisa. Peço-lhe outra: mantenha os seus superiores informados sobre esta, todas as palestras abolicionistas. Envie dia após dia relatórios alarmistas, mostrando como a questão da escravatura domina a opinião pública no Reino Unido. Diga-lhes que é urgente tomar medidas efetivas para acabar com o que resta do tráfico negro. Insinue que a armada britânica estuda um bloqueio total ao Brasil. Diga-lhes que se fala num boicote ao vinho do Porto. Enfim, aborreça-os, aterrorize-os (AGUALUSA, 2011, p. 149).

A questão do fim da escravatura no Brasil já era algo próximo de acontecer, no período em que se passa a narrativa. Fradique, em uma de suas cartas, mostra que essa questão era discutida muitas vezes em diversos eventos da classe aristocrática:

A questão da escravatura é sempre motivo de exaltado debate nestes saraus, em que poucos defendem a continuidade do velho sistema e a larga maioria se bate pela abolição; entre estes contam-se muitos em cujas casas existe ainda numerosa escravaria, e quase todos são filhos de comerciantes implicados no tráfico negro. Ana Olímpia, por exemplo, vendeu após a morte do marido os três navios com que Victorino Vaz de Caminha fez fortuna [...] (AGUALUSA, 2011, p. 45-46).

No entanto, alguns personagens não concordavam com a abolição, como Arcénio de Carpo e seu filho que defendiam que o fim da escravidão não seria a melhor opção, pois segundo eles, os escravos não saberiam o que fazer com sua liberdade. Porém, Ana Olímpia comprova que o fim da escravidão era a melhor escolha, pois “ao libertar os trabalhadores das suas fazendas, Ana Olímpia conseguiu demonstrar uma das principais teses do movimento emancipador – a de que qualquer homem trabalha mais e melhor em liberdade, sendo o pagamento dos salários compensados pelo aumento das colheitas” (AGUSALUSA, 2011, p. 47).

No que toca à questão do espaço, em *Nação Crioula*, a necessidade de permanecer em movimento/trânsito é uma forte característica de Carlos Fradique Mendes. O romance retrata as viagens de Carlos Fradique Mendes entre Angola, Brasil e Europa. Desta maneira, o mar foi o meio que possibilitou a personagem transitar entre os três continentes em que acontece a narrativa. Luanda, capital angolana, foi o primeiro contato da personagem com o

território africano e seus habitantes. É neste local que o viajante português passa grande parte de seu tempo enquanto conhece Angola, onde descreve por meio de suas cartas comentários e impressões sobre a sociedade angolana e o tráfico de escravos.

É neste espaço que, durante o tempo em que lá fica, Fradique tem conhecimento da situação da escravidão, seja por meio das personagens que são comerciantes de escravos, como Arcénio de Carpo e Victorino Vaz de Caminha, ou de donos de escravos como Gabriela Santamarinha ou Ana Olímpia.

Quanto à questão do trabalho, o período que Fradique permanece em Luanda e consegue observar a vida dos moradores, a personagem conclui que apenas os escravos praticavam alguma atividade, pois o trabalho para os angolanos representava uma prática inferior, assim ele relata:

Trabalhar ninguém trabalha em Luanda a não ser os escravos; e fora da cidade trabalham os, assim chamados, “pretos boçais”. Trabalhar representa portanto para o luandense uma atividade inferior, insalubre, praticada por selvagens e cativos. “Fulano vem de uma família trabalhadora”, ouve-se dizer às vezes em voz baixa, venenosa, à mesa sombria de um café. É uma insinuação cruel, capaz de destruir reputações, pois sugere que o visado só há pouco tempo comprou o primeiro par de sapatos e que provavelmente descende de escravos (AGUALUSA, 2011, p. 18).

Na obra em análise, o espaço tem influência sobre as personagens. Temos o caso de Ana Olímpia, por exemplo, que se depara obrigada a deixar sua terra natal, em fuga, para ter o seu direito de liberdade. Ela encontra no Brasil um lugar para ser livre, fugir daquele espaço que, após a vinda de Jesuíno, tornou-se um cativeiro.

O Brasil tornou-se o local de liberdade, um porto seguro para Carlos Fradique e Ana Olímpia, no entanto, este espaço não teve a mesma representação para os que foram trazidos da África como escravos. Podemos observar o velho Cornélio, por exemplo, pois a sua permanência em território brasileiro não representou liberdade, mas sim a falta dela. Cornélio só consegue sua liberdade quando Fradique alforria todos os escravos da fazenda que adquiriu. Ele oferece a todos emprego remunerado, educação para os filhos e saúde. Entretanto, Cornélio, contrariando a todos, decide não permanecer no Brasil e, pretende retornar a sua terra natal, em busca de si. No entanto, tal retorno não se concretiza, pois Cornélio é assassinado e sua cabeça é degolada. Em viagem a Europa, Fradique se depara com a cabeça de Cornélio em uma bagagem que havia sido trocada pela sua.

[...] Fiquei muito tempo no convés, vendo o Brasil desaparecer tristemente para além da bruma, e depois fui à procura do meu camarote. Lá dentro, arrumada a um canto, encontrei uma mala quase igual à minha. [...] Logo a seguir, porém, reparei que a mala trazia o meu nome. Abria-a, nervoso, e o que vi tirou-me o fôlego: olhando

diretamente para mim, com frios olhos de vidro, estava a cabeça entalhada de um homem negro! [...] Levantei-me e voltei a abrir a mala. A cabeça ainda lá estava, e só então reconheci nela, com intenso horror, os traços nobres de Cornélio (AGUALUSA, 2011, p. 133).

Segundo Fradique, esta foi a maneira com que os defensores da escravidão tentavam amedrontar aqueles que lutavam pela abolição. A personagem, então em ato nobre, lança a cabeça do velho ao mar.

Lancei a cabeça de Cornélio ao ar. Foi numa noite baixa, sem lua, ao largo das Ilhas de Cabo Verde. Iemanjá, as quiandas, todas as poderosas divindades das águas quentes de África hão de acompanhar o seu espírito de volta à terra dos hauçás. Cornélio nunca se deixou escravizar: mesmo amarrado ao pelourinho, mesmo preso por correntes aos mais altos muros, ele foi sempre uma alma livre. Agora há de finalmente encontrar o caminho do regresso a casa (AGUALUSA, 2011, p. 133).

Desta maneira, o mar/oceano, conforme Fradique, é o lugar em que Cornélio encontrará o caminho de volta para casa. Também é o meio que Fradique e Ana encontraram para buscar sua liberdade. O mar é um elemento também importante na narrativa, pois é ele que permite um movimento e uma passagem onde há o paralelo entre o bem e o mal, onde as diferenças se encontram e se encaixam. O oceano é o “entre-lugar” que Bhabha (1998) defende; um entre-lugar que repara os limites de espaço e tempo. “É neste sentido que a fronteira se torna o lugar a partir do qual algo começa a se fazer presente em um movimento não dissimular ao da articulação ambulante, ambivalente, do além que venho traçando [...]” (BHABHA, 1998, p. 24). Logo, o mar representa os espaços sociais onde as culturas se encontram. É, portanto, um lugar cheio de significados, que reflete em mudanças significativas para os viajantes.

No entanto, o período em que Fradique permanece no Brasil, alternando com passagens também pela Europa, é composto por treze epístolas, remetidas entre 1876 e 1888. Entre estas missivas, algumas foram escritas em regiões como Olinda, Engenho Cajuíba e Rio de Janeiro; as outras são enviadas de Paris e Portugal.

A primeira missiva da personagem em território brasileiro foi destinada a Madame de Joaurre e retratava os acontecimentos ocasionados durante a viagem de Novo Redondo até Pernambuco. Nesta carta o viajante narra a festa organizada por Horácio Benvindo em sua homenagem, e também menciona a chegada de um grupo de escravos que seriam embarcados, assim como ele, no navio Nação Crioula:

A última noite em Novo Redondo foi de festa, um espetáculo bizarro, promovido por Horácio Benvindo em nossa homenagem, e que se prolongou até ao entardecer do dia seguinte, quando a coberto da escuridão o Nação crioula levantou âncora e se

fez ao largo. [...] A meio da noite vi chegar um pequeno grupo de homens com as mãos amarradas atrás das costas. Horácio deu ordens para que os soltassem e eles misturaram-se como resto do povo, cantando e bailando, bebendo e comendo, como se ignorassem o seu destino, ou talvez como se assim pudessem esquecer-se dele. Era de madrugada quando voltaram a reuni-los e depois os embarcaram. O comandante do Nação crioula, um homem sombrio, de olhos muito azuis e grossa barba ruiva, que eu soube depois ser natural de Ílhavo, disse-me apontando para o grupo: “Cada um deles é um hectare de boa terra que eu vou comprar no Sul do Brasil. Com o fim do tráfico trinta cabeças valem hoje tanto quanto trezentas há vinte anos” (AGUALUSA, 2011, p. 82-84)

Fradique também detalha suas primeiras impressões sobre o Brasil para sua madrinha. Nesta mesma carta, ele descreve a imagem de um crepúsculo, observado dos jardins do palacete de Arcénio, lugar em que estavam hospedados:

As tardes aqui morrem bruscamente, violentamente, num largo incêndio que depressa se desfaz em cinza e em melancolia. Mas, ao contrário do que acontece na África Ocidental, ao contrário daquilo que eu sempre espero que aconteça, o sol não mergulha no mar – a água escurece, torna-se quase negra, a noite parece emergir do chão (AGUALUSA, 2011, p. 81).

Na descrição acima, é interessante observarmos que o por do sol no Brasil é comparado ao que havia em Angola. Assim, percebemos que a personagem não utiliza a Europa como referência, mas sim a África, e neste caso o que ele presenciava em terras africanas é o que gostaria de assistir no Brasil. Desta maneira, sua referência de lugar e de identidade passou a ser outra.

Em outra carta, enviada a Madame de Jouarre, Fradique comenta de maneira irônica e humorada sobre a notícia que recebera por meio da carta de Joana Benvindo, mãe do jovem Arcénio de Carpo, de que em Luanda todos acreditavam que ele tinha morrido em um naufrágio que partia em outra direção.

Querida madrinha, trago-lhe uma funesta notícia: morri! A acreditar numa carta de Joana Benvinda que ontem chegou de Luanda morremos todos – eu, Ana Olímpia, Arcénio de Carpo –, no naufrágio de um palhabote, algures entre o Ambriz e o Quissembo. [...] Joana Benvindo decidiu então chorar a morte do filho, mesmo se o sabia vivo, e tão rica e autenticamente o chorou, com banquetes e batuques, que finalmente até o seu corpo apareceu, meio devorado pelos peixes, e foi a enterrar no cemitério do Alto das Cruzes. O *Comércio de Angola*, propriedade de um velho companheiro do coronel, publicou a notícia da tragédia, lamentando a morte de um dos mais honrados filhos do país, “vítima, como o pai, de um bandido sem pátria, sem honra e sem pudor, que parece ter desembarcado em Angola a mando de Satanás, com o único objetivo de semear a intriga e a discórdia, o luto e o terror”. O artigo concede-me duas linhas de adjetivos que devem ser entendidos como generosos, embora na boca do padre Nicolau dos Anjos, por exemplo, fossem certamente graves insultos: “vate da modernidade”, “profeta do naturalismo”, “poeta satanista”, “inquieta aventureiro” etc. (AGUALUSA, 2011, p. 93-94).

Nesta mesma carta, a personagem descreve mais algumas considerações sobre suas primeiras impressões em relação ao Brasil:

Entretanto limito-me a passear por Olinda e Pernambuco, cidades tão próximas que a primeira constitui praticamente um bairro da segunda. Pernambuco distribui-se por duas ilhas, que os rios Capibaribe, Beberibe e Pina separam do continente. Nas ruas respira-se o mesmo odor melancólico que me surpreendeu em Luanda, um entorpecimento que se transmite das pessoas para as casas, como se toda a população estivesse já morta e a cidade em ruínas (AGUALUSA, 2011, p. 95).

Neste trecho, podemos observar que há uma comparação com a cidade de Angola. Conforme o português, a cidade de Pernambuco apresentava os mesmos odores que lá, e isto o havia surpreendido no seu desembarque nos dois lugares. Percebemos que as impressões e sensações observadas e relatadas pela personagem em seu desembarque aos dois lados do oceano Atlântico se apresentam semelhantes. Entendemos agora que, o local de referência da personagem está voltado para o continente africano. Fradique que durante algum tempo pensava estar distante da civilização ao desembarcar em Angola, agora sentia falta dela ao conhecer o novo lugar em que se encontrava: o Brasil.

Ainda nesta mesma carta, a personagem tece comentários a respeito da sociedade que morava no Brasil. “Os ricos são odiosamente ricos e ainda mais ricos e odiosos parecem ser por contraste com a extrema miséria do povo. Em Santo António os palacetes ocultam jardins exuberantes, onde à noite se dançam românticos bailes, enquanto os negros dormem exaustos em casebres de palha” (AGUALUSA, 2011, p. 95).

Assim, ainda mantendo uma posição crítica e atenta, Fradique vai observando e analisando a nova sociedade em que habita. Ele vai refletindo sobre o contraste que há entre uma minoria rica, que faz bailes em suas enormes propriedades, e os escravos trazidos da África que estavam em situações humilhantes.

Fui com Ana Olímpia a um destes bailes, em casa de um amigo de infância, Alexandre Gomes, meu patrício, que nesta cidade fundou uma fábrica de charutos. Isabel, a esposa, filha única do Barão de Itaparica, viveu algum tempo em Lisboa, e a sua maior glória é ter entrevisto uma noite, na ópera, o melancólico perfil de António Feliciano de Castilho. Apesar desta obstinada admiração pelo poeta de “A noite do castelo”, Isabel é uma mulher feliz e inteligente, com um perigoso sentido de humor, e um não menos afiado espírito crítico. Dançávamos uma alegre mazurca quando eu, erguendo o olhar, reparei na extraordinária palidez do pianista e pensei que o desgraçado tivesse sofrido uma síncope. “Está morto?”, perguntei a Isabel. Ela riu-se: - Morreu vai fazer uns cinco anos (AGUALUSA, 2011, p. 95-96).

E assim como em Luanda, Fradique tem contato com as festividades realizadas em palacetes, onde conhece, também como no Baile do Governador em Angola, pessoas

interessantes. Em terras brasileiras a personagem encontra, tal como em Luanda, uma mulher inteligente e crítica, como exemplo de Isabel, que relembra o encontro com Ana Olímpia, ou figuras estranhas, como o pianista pálido, que relembra a senhora de escravos Gabriela Santamarinha.

Diante de tudo o que foi exposto, observamos que ao viajar e conhecer novos lugares, Carlos Fradique Mendes percebeu como as outras pessoas se relacionavam e a partir disso refletiu sobre a realidade que as cercavam, tornando sua vida mais emocionante e agitada. Ao permanecer longe do seu lugar, embora mantendo-se informado sobre os acontecimentos de sua terra natal, a personagem deixou-se envolver com a cultura, costumes e culinárias locais, e nessa relação interagiu com seus três interlocutores/destinatários, relatando a eles tudo que vivia e presenciava em cada lugar ou pessoa que conhecia. Ao transitar por outros territórios diferentes do seu, a personagem coloca em evidência, por meio de suas missivas, o fato de que quem viaja tem muita coisa e/ou história para relatar. E assim, Fradique faz de modo a não apenas apontar os defeitos e vícios dos lugares em que conheceu, mas sim observando e valorizando as peculiaridades e as particularidades de cada local; o costume e a cultura de um povo devem a todo o momento ser respeitado, e Carlos Fradique Mendes nos mostra que ao conhecer melhor estes lugares muitas ideias pré-formadas se desfazem quando estamos presentes da realidade e da sociedade que nos cerca.

7 CONCLUSÃO

Evidenciamos em nosso estudo que, *Nação Crioula*, obra lançada em 1997, desenha-se como um romance epistolar que representa a experiência de um viajante português em terras africanas e brasileiras. Fradique Mendes, personagem retirada da obra *A correspondência de Fradique Mendes*, de Eça de Queiroz, foi criada pelo grupo *Cenáculo*, com a intenção de brincar, desdenhar e chocar a sociedade burguesa. Diante disso, percebemos que José Eduardo Agualusa, com propriedade, coloca a personagem em seu enredo e acrescenta alguns pontos em sua biografia que não estariam presentes na obra de Eça de Queiroz.

Em *Nação Crioula* podemos verificar a forma peculiar de Agualusa dar voz a Fradique, pelas cartas escritas, entre os anos 1868 e 1888, durante seus passeios pela Europa, Angola e Brasil.

Identificamos que a obra *Nação Crioula* tem como tema central a relação com o tráfico de escravos (que embora tenha sido abolida em 1836, ainda era um negócio lucrativo, pois os negros continuavam a ser enviados para o Brasil) que ligava Portugal, Angola e Brasil. Observamos que os fatos históricos, que serviram de suporte para que o enredo fosse construído por meio de Carlos Fradique Mendes, foram apresentados em uma nova versão a partir do olhar desta personagem inserida em um novo contexto.

A narrativa construída entre 1868 a 1900 e foi apresentada através de vinte e seis epístolas, sendo que destas, vinte e cinco foram assinadas por Fradique Mendes e destinadas a sua madrinha, Madame de Jouarre; Ana Olímpia e Eça de Queiroz. Apenas a última carta foi assinada por Ana Olímpia e endereçada a Eça de Queiroz. Neste romance, conhecemos a história de Carlos Fradique Mendes, bem como sua viagem para Angola onde conhece Ana Olímpia, por quem se envolveu e teve uma filha, Sophia. É por meio deste relacionamento com Ana Olímpia que a personagem passa a refletir e discutir sobre a questão do tráfico de escravos entre Angola e Brasil. Uma personagem que conhecia o mundo através de suas viagens, sempre com a intenção de estudar e conhecer outras culturas e tradições, ao encontrar uma realidade muito diferente da sua, carregou consigo certos preconceitos que, com o passar do tempo foi se extinguindo conforme seu envolvimento com os lugares e as pessoas.

Percebemos que o autor apropria-se também de personagens reais e fictícias para tecer sua trama e assim construiu uma relação de familiaridade/proximidade com a história. Identificamos que as cartas de *Nação Crioula* nos apresentaram muitos detalhes e singularidades, pois cada epístola deixava seu leitor/destinatário sempre informado sobre

qualquer situação ou lugar, como a chegada de Fradique em Angola, o momento em que ele se apaixonou por Ana Olímpia, a sua partida para o Brasil, entre outras coisas. O título que dá nome ao livro fez referência ao último navio negreiro que atravessou o oceano Atlântico levando os escravos da travessia Angola – Brasil. Além dos escravos, a embarcação levou Fradique Mendes e Ana Olímpia, que deixou seu país fugida por ter se tornado escrava novamente.

Constatamos que a personagem observou e analisou a cultura e tradições de Angola e do Brasil com um olhar mais desmistificado da “civilização” europeia. E tudo isso se deu ao fato dele se apaixonar por uma ex-escrava angolana. É por meio dela que a personagem passa a se preocupar com os aspectos da sociedade angolana, e passa a encará-la com outros olhos e interesses, a ponto de se afirmar um “quase africano”.

Este estudo nos faz refletir sobre como o escritor angolano, José Eduardo Agualusa, representou e discutiu em sua obra, *Nação Crioula*, identidades e relações entre nações colonizadas por portugueses. Verificamos que Agualusa ao colocar em destaque uma personagem criada em 1869, em Portugal, desenha-a em outra situação para construir seu romance, onde em terras africanas e por meio de uma história de amor, debate questões relacionadas ao período de escravidão e conflitos colônias entre Angola, Brasil e Portugal.

Desta forma, constatamos que a literatura contribui na formação de opinião e na construção ideológica das pessoas, embora sua expressão seja a arte através da palavra, a sua importância e representação histórica e social não pode ser ignorada e nem relacionada apenas à ficção e leituras prazerosas. A literatura é um modo de linguagem que tem a língua como apoio. Um texto literário apresenta uma maneira específica de comunicação que imprime um modo particular de discurso.

A linguagem é responsável pela comunicação e razão humana e, é desta forma que nos diferenciamos de outros seres. A arte como expressão da linguagem também faz parte da cultura humana e sob esta perspectiva, nesta pesquisa se evidencia o caráter dialógico e polifônico da linguagem compreendida por Bakhtin como social e histórica. Sendo assim, entendemos que a linguagem pode ser compreendida como uma prática social na qual o sujeito, bem como suas relações com o outro, e suas produções sociais se manifestam.

Evidenciamos que *Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes* representou um recorte de um período da vida da personagem e buscou evidenciar a percepção dela ao relatar para o outro (seus destinatários) o que de mais interessante aconteceu em sua vida. No romance, observamos que o seu título sugere uma mistura de culturas e identidades. Além da presença da voz de Carlos Fradique Mendes, vindo de um

país colonizador, notamos a voz de uma colonizada, que passou de senhora de escravos a escrava. Desta maneira, Agualusa dá vez e voz a quem não possuía voz.

Desta forma, por meio da Literatura Comparada, percebemos como o diálogo com o passado se faz presente ao marcar uma época importante na história de Angola ao mostrar o olhar de um português frente a uma nação diferente da sua. A luta pela qual Fradique se envolveu no decorrer da narrativa retratou a ligação entre os três povos: Angola, Brasil e Portugal, e refletiu na relação entre colonizador e colonizados.

Notamos que Angola, de certa forma, pareceu um lugar de trânsito para a personagem, ao contrário do Brasil, quando anos mais tarde Fradique adquiriu uma fazenda com a intenção servir de moradia para ele e a Ana Olímpia. Sua primeira impressão em relação ao Brasil foi contada a sua madrinha, Madame de Jouarre, em comparação com Angola. Quando chegou a Luanda teve o sentimento de ter se distanciado da “civilização”, do próprio mundo, porém esta sensação foi sendo apagada conforme amadureceu sua relação com a jovem angolana. Sua referência na época em que desembarcou em Luanda era a Europa. Já no Brasil suas comparações foram feitas em relação a Angola, não mais ao continente europeu. O português já estava acostumado àquela cultura e seus costumes, ou seja, compreendeu e aceitou as tradições de outras culturas.

E assim, constatamos que José Eduardo Agualusa retomou a personagem do grupo Cenáculo e a adaptou a uma nova situação, mantendo as mesmas características da personagem como a ironia, os desejos por viagens, inteligência e senso crítico, o olhar do europeu, e percepção da realidade. No entanto, em seu romance, identificamos que o autor agregou outras características que lhe permitiram inserir a personagem em uma outra realidade, diminuindo seus preconceitos e apresentando um outro posicionamento frente as diversidades. Foi pela angolana, Ana Olímpia, que Fradique Mendes se transformou em um defensor da luta contra a escravidão. E assim, identificamos que com um olhar mais crítico e consciente quanto à questão do colonialismo, Fradique por meio de suas missivas, expôs tanto suas ideias, opiniões e pensamentos, como repensou as relações entre Angola, Portugal e Brasil.

Desta maneira, ao realizarmos este estudo, percebemos a relevância das pesquisas sobre cultura, identidade e literatura, na medida em que oportunizam pensarmos, por meio da linguagem, dentre outras características, a complexidade de nossa existência. Compreendemos, também, que muito há de se pesquisar, estudar, investigar, avaliar e analisar no campo das ciências da linguagem, ficando de sugestão para outros estudos, talvez motivados pelas reflexões apresentadas nesta dissertação.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Literatura, história e política: literaturas de língua portuguesa no século XX**. São Paulo: Ática, 1989.

ABRIL, Almanaque. **Almanaque Abril 2008**. 34. ed. São Paulo: Abril, 2008.

AGUALUSA, José Eduardo. **Nação Crioula – a correspondência secreta de Fradique Mendes**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2011.

AGÊNCIA ESTADO. **José Agualusa homenageia Eça de Queiroz em Nação Crioula**. Disponível em: <http://www.bemparana.com.br/noticia/21202/jose-agualusa-homenageia-eca-de-queiroz-em-nacao-crioula>> Acesso em: 10 jul. 2015

ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANTELO, Raúl. **Algaravia: discursos de nação**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998.

BACH, Carlos Batista. **José Eduardo Agualusa: Ironia e memória como traços de uma poética**. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/131678/000981112.pdf?sequence=1>> Acesso em: 12 mar. 2016.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Disponível em: http://minhateca.com.br/v.voltar/Hist*c3*b3ria/Livros%20de%20humanas/BHABHA*2c%20Homi.%20O%20local%20da%20cultura,24381172.pdf. Acesso em: 20 jul. 2015.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Questões de literatura e estética– a teoria do romance**. São Paulo: Unesp, 1993.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. São Paulo: Ática, 1986.

COTRIM, Gilberto. **História do Brasil: um olhar crítico**. São Paulo: Saraiva, 1999.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. Disponível em: <http://copyfight.me/Acervo/livros/GANCHO,%20Ca%CC%82ndida%20Vilares%20-%20Como%20analisar%20narrativas.pdf>> Acesso em: 10 jul. 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Disponível em: <http://lelivros.red/book/a-memoria-coletiva-maurice-halbwachs/> Acesso em: 27 jul. 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. **Quem precisa de identidade?** <http://www.culturaegero.com.br/download/hall.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2015.

HOBBSAWM, Eric J. **Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

JAPIASSÚ, Hilton / MARCONDES, Danilo. **Dicionário de filosofia**. Disponível em: http://dutracarlito.com/dicionario_de_filosofia_japiassu.pdf. Acesso em 27jul. 2015

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. São Paulo: Cultrix LTDA, 1981.

LEAL, Luana Aparecida Matos. **Memória, rememoração e lembrança em Maurice Halbwachs**. Disponível em <https://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos/045.pdf> . Acesso em 27jul. 2015.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Disponível em : <http://memorial.trt11.jus.br/wp-content/uploads/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf> Acesso em 27jul. 2015.

OLIVEIRA, Luiz Cláudio de. Nação e identidade em Guimarães Rosa. In: TOLENTINO, Magda Velloso Fernandes de. **Nação e identidade: ensaios em literatura e crítica cultural**, São João del-Rei: UFSJ, 2007, p. 7-35.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Disponível em: <http://www.culturaegero.com.br/download/silencio.pdf> Acesso em 17 nov. 2014.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. São Paulo: Ática, 1992.

RAUEN, Fábio José. **Roteiros de iniciação científica: os primeiros passos da pesquisa científica desde a concepção até a produção e a apresentação**. Palhoça: Ed. Unisul, 2015.

REALES, Liliana / CONFORTIN, Rogério de Souza. **Introdução aos estudos da narrativa**. Florianópolis: LLE / CCE/ UFSC, 2008.

REMAK, Henry H. H. *Literatura comparada: definição e função*. In: COUTINHO, Eduardo F; CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011. p. 189-205.

SÁ, Jussara Bittencourt. **Nação em cena: Brasil, teatro, século XIX**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2010.

SAID, Edward. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia da Letras, 1990.

TAVARES, Hênio Último da Cunha. **Teoria literária**. Belo Horizonte, MG: Itatiaia, 2002.

VITERBO, Victor Mancera. **A epístola revisitada**: identidade, linguagem e intertextualidade em Nação Crioula, de José Eduardo Agualusa. Disponível em: http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/94172/viterbo_vm_me_sjrp.pdf?sequence=1. Acesso em 07 ago. 2015.

ANEXOS

ANEXO A – Canção do Exílio (Gonçalves Dias)

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

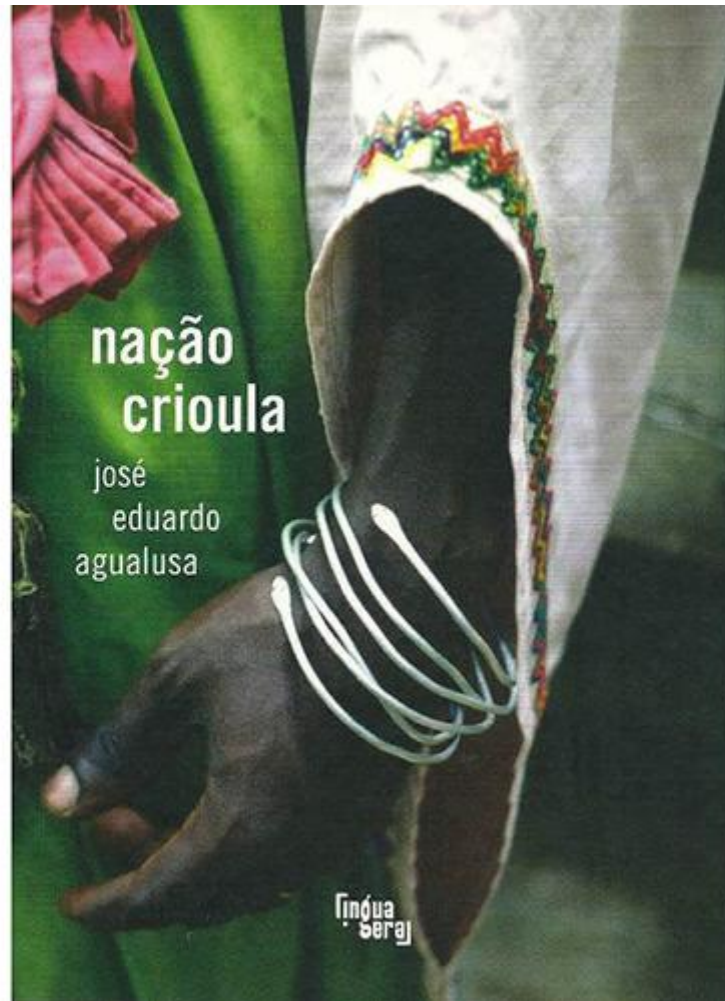
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho, à noite —
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Disponível em: <http://www.poesiaspoemaseversos.com.br/goncalves-dias-cancao-do-exilio/>
Acesso em: 30 mar. 2016.

ANEXO B – Capa de *Nação Crioula*

Disponível em: <http://www.guinamedici.blogspot.com.br/2012/12/nacao-crioula.html>.
Acesso em: 30 mai. 2016

ANEXO C – CURRÍCULO

Mayara Gonçalves de Paulo
Curriculum Vitae

Junho/2016

Mayara Gonçalves de PauloCurriculum Vitae

Dados pessoais

Nome Mayara Gonçalves de Paulo
Nome em citações bibliográficas PAULO, M. G.
Sexo Feminino

Cor ou Raça Preta

Filiação Volnei Ferreira de Paulo e Emília Gonçalves de Paulo
Nascimento 26/06/1992 - Brasil
Carteira de Identidade 5629551 SSP - SC - 05/03/2012
CPF 081.602.479-07

Endereço residencial Rua Princesa Izabel - 161
Oficinas - Tubarão
88702200, SC - Brasil
Telefone: 48 88116621
Celular 48 88116621

Endereço eletrônico

E-mail para contato : may_paulo@hotmail.com

Formação acadêmica/titulação

- 2014** Mestrado em PPG em Ciências da Linguagem.
Universidade do Sul de Santa Catarina, UNISUL, Tubarao, Brasil
Orientador: Dra. Jussara Bittencourt de Sá
Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- 2010 - 2013** Graduação em Letras - Português / Inglês.
Universidade do Sul de Santa Catarina, UNISUL, Tubarao, Brasil
Título: ONCE UPON A TIME: UMA ANÁLISE DA SÉRIE SOB A PERSPECTIVA NARRATIVA, Ano de obtenção: 2013
Orientador: Elita de Medeiros
- 2007 - 2009** Ensino Médio (2o grau) .
Escola de Ensino Médio Dite Freitas - Escola Jovem, E.E.M.D.F, Brasil

Formação complementar

- 2015 - 2015** Curso de curta duração em Estratégias de Ensino Aplicadas à Língua Português. (Carga horária: 20h).
Prefeitura Municipal de Tubarão, PMT, Tubarão, Brasil
- 2014 - 2014** Curso de curta duração em Caminhos e Possibilidades de Ensino. (Carga horária: 20h).
Prefeitura Municipal de Tubarão, PMT, Tubarão, Brasil
- 2012 - 2013** Extensão universitária em Programa Institucional de Iniciação à Docência. (Carga horária: 360h).
Universidade do Sul de Santa Catarina, UNISUL, Tubarão, Brasil
Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- 2012 - 2012** Extensão universitária em Trabalho Integrado das Licenciaturas. (Carga horária: 20h).
Universidade do Sul de Santa Catarina, UNISUL, Tubarão, Brasil.
- 2011 - 2011** Extensão universitária em 3º Encontro de Formação Pedagógica. (Carga horária: 10h).
Universidade do Sul de Santa Catarina, UNISUL, Tubarão, Brasil.
- 2010 - 2010** Extensão universitária em Programa de Apoio ao Acadêmico Ingressante. (Carga horária: 40h).
Universidade do Sul de Santa Catarina, UNISUL, Tubarão, Brasil.

Áreas de atuação

- 1.** Letras

Idiomas

- Inglês** Compreende Razoavelmente, Fala Razoavelmente, Escreve Razoavelmente, Lê Razoavelmente.
- Português** Compreende Bem, Fala Bem, Escreve Bem, Lê Bem.

Produção

Produção bibliográfica

Artigos completos publicados em periódicos

1. **PAULO, M. G.**, SA, J. B.

‘ENTRE-ÁGUAS’ LITERÁRIAS: ESTUDO SOBRE A MEMÓRIA E TRADIÇÕES EM A TERCEIRA MARGEM DO RIO, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA, E NAS ÁGUAS DO TEMPO, DE MIA COUTO.. R. memorare. Universidade do Sul de Santa Catarina, Santa Catarina. , v.2, p.18 - 25, 2015.

Referências adicionais: Português.

Trabalhos publicados em anais de eventos (completo)

1. **PAULO, M. G.**, NUNES, G. M., SILVA, K. S., JESUS, R. N. M., CORREA, S. M.

Ciência e Cotidiano In: V Simpósio sobre Formação de Professores, 2013, Tubarão.

SIMFOP. , 2013.

Referências adicionais: Brasil/Português.

2. **PAULO, M. G.**, BARDINI, B. B., SOUZA, D. A., SANTOS, L. V., DAMASIO, J. N., CARDOSO, J. S. M., SILVA, S. C., MARTINS, T. T., PEREIRA, T. N.

Enfatizando os valores sociais na formação de melhores cidadãos In: IV Simpósio de Formação de Professores, 2012, Tubarão.

SIMFOP. , 2012.

Referências adicionais: Brasil/Português.

3. TSCHIEDEL, A. L. O., BARDINI, B. B., ALANO, E. M. S., SANTOS, L. V., ESPINDOLA, L. Z. G., SILVEIRA, M. E. G., ILIBIO, M. B., DUTRA, P., SILVA, S. C., PEREIRA, T. N., **PAULO, M. G.**

Conhecimento sobre Bullying entre os alunos do ensino médio da E.E.B. Sen. Francisco Benjamin Gallotti In: III Simpósio sobre Formação de Professores, 2011, Tubarão.

SIMFOP. , 2011.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

Apresentação de trabalho e palestra

1. **PAULO, M. G.**

'Entre-águas' literárias: estudo sobre a memória e tradições em A terceira margem do rio, de João Guimarães Rosa, e Nas águas do tempo, de Mia Couto., 2015.
(Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Referências adicionais : Brasil/Português; Local: Unisul; Cidade: Tubarão; Evento: VII SIMFOP: Simpósio sobre formação de professores; Inst.promotora/financiadora: Universidade do Sul de Santa Catarina - Unisul

Eventos

Eventos

Participação em eventos

1. **V Simpósio sobre Formação de Professores: Educação Básica - Desafios frente às desigualdades educacionais**, 2013. (Simpósio)

2. **1º Encontro Catarinense do PIBID**, 2012. (Encontro)

3. **IV Simpósio de Formação de Professores: Currículo, Escola e Conhecimento**, 2012. (Simpósio)

4. **III Simpósio sobre a Formação de Professores: Tecnologias e Inovação na Educação Básica**, 2011. (Simpósio)

5. **Conferência A Galeria Wilson: do sonho à realidade**, 2010. (Outra)

6. **III Sarau Literário**, 2010. (Encontro)

Totais de produção

Produção bibliográfica

Artigos completos publicados em periódico.....	1
Trabalhos publicados em anais de eventos.....	3
Apresentações de trabalhos (Comunicação).....	1

Eventos

Participações em eventos (simpósio).....	3
Participações em eventos (encontro).....	2
Participações em eventos (outra).....	1